



A FOTO *ea* HISTÓRIA

– *Piracicaba antiga* –

Prêmio Garcia Netto de Comunicação

Edson Rontani Júnior

A FOTO e a HISTÓRIA

– *Piracicaba antiga* –

Prêmio Garcia Netto de Comunicação



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba

Diretoria Gestão 2021/2022

Presidente: Pedro Vicente Ometto Maurano

Vice-Presidente: Edson Rontani Junior

1ª Secretária: Valdiza Maria Capranico

2ª Secretária: Aracy Duarte Ferrari

1º Tesoureiro: José Otavio Machado Menten

2º Tesoureiro: Waldemar Romano

Orador: Armando Alexandre dos Santos

Diretor de Acervo: Leandro Antonio Pavan

Suplentes De Diretoria

1º - Antonio Messias Galdino

2º - Antonio Carlos Angolini

Conselho Fiscal

João Umberto Nassif

Newman Ribeiro Simões

Luiz Antonio Rolim

Suplentes Conselho Fiscal

Epaminondas Sansigolo de Barros Ferraz

Helder do Prado Souza

Renata Graziela Duarte Gava

O IHGP não tem nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e citações desta obra,
pois elas representam unicamente a opinião do autor.

Edson Rontani Júnior

A FOTO *e a* HISTÓRIA

– *Piracicaba antiga* –

Prêmio Garcia Netto de Comunicação



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba



**Prefeitura do
Município de
Piracicaba**



Semac
SECRETARIA MUNICIPAL
DA AÇÃO CULTURAL
Piracicaba

A foto e a história – Piracicaba antiga
Coletânea da coluna semanal publicada no jornal
“Tribuna Piracicabana” de 2006 até os dias atuais

Seleção de fotos e redação final:

Edson Rontani Júnior (jornalista profissional MTb 22.694)

Digitalização de fotos: Gabriel de Godoy Rontani

Revisão final de orientação textual: Waldemar Romano

Foto capa: Comemoração dos 200 anos de Piracicaba,
em 1º de agosto de 1967, em frente à Catedral de Santo Antonio.

Foto: Acervo IHGP

Foto contracapa: Rio Piracicaba. **Foto:** Helder Prado

Anúncios Camisas Kraide e Caninha Tatuzinho:

reprodução da revista Mirante, década de 1950

Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R774 Rontani junior, Edson

A Foto e a História -Piracicaba antiga / Edson
Rontani junior. – Piracicaba: IHGP, 2022.

120f. il.

ISBN: 978-65-997085-0-3

1. Historia. 2. Piracicaba. 3. Foto. 4. Autor.
I. Título.

CDD 904

CDU 93

**À algumas pessoas que
contribuíram para que esse
livro se concretizasse:**

- Minha mãe, Ivete D'Abronzio Rontani,
que me concebeu

- Meu pai, Edson Rontani, que me guiou na vida

- À esposa Márcia Correa de Godoy Rontani e ao filho
Gabriel de Godoy Rontani pela paciência no cotidiano

- Ao Evaldo Augusto Vicente, que sempre me
acolheu com meus escritos nas páginas da Tribuna
Piracicabana

- Ao amigo Waldemar Romano pela paciência
e dedicação de ler semanalmente esta coluna
publicada na Tribuna Piracicabana e por ter
dedicado valiosos momentos de sua vida na revisão
final deste livro.

- À vida!!!

APRESENTAÇÃO

Esta obra tem uma característica diferenciada, por dar atenção especial a imagens, acompanhadas de textos breves, o que o coloca na categoria de foto/história, ou mais precisamente, como o título já afirma: A foto e a história - Piracicaba antiga. É uma compilação de documentos iconográficos que marcaram não apenas o imaginário do pesquisador e escritor Edson Rontani Júnior, como também as gerações de piracicabanos que as vivenciaram, uma vez que elas circularam de alguma forma pelos principais jornais e revistas da cidade, seja como registro fotográfico de acontecimentos específicos, seja como marcas de empresas que se destacaram no imaginário coletivo.

Neste sentido, podemos afirmar que Rontani Jr. conta uma história da cidade, política, cultural e econômica, por meio de imagens, garantindo assim um conteúdo de interesse comum, que envolve lembranças, emoções e muito senso de humor. Senso de humor, por sinal, que é uma de suas características, um estilo que está na genética familiar. Vale lembrar que seu pai, Edson Rontani, foi o criador do personagem Nhô Quim e grande ilustrador de jornais esportivos da cidade, com senso de humor incrível.

Da parte do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, o mais importante é alimentar esta verve criativa de Rontani Jr. e deixar que seu senso estético flua, sintetizando um trabalho que ele já desenvolve na imprensa local.

Portanto, é com muita honra que apresentamos este livro, aparentemente singelo, mas carregado de informações do passado da Noiva da Colina, desde o tempo da clichéria, quando os jornais e revistas eram ainda compostos na base da linotipo, até os dias atuais, em que as folhas impressas perdem espaço para a virtualidade.

Como presidente do IHGP, agradeço imensamente ao Edson Rontani Júnior, que é vice-presidente deste Instituto, por esta oportunidade e desejamos que ele dê sequência a este trabalho minucioso de garimpar imagens e preservar registros de uma cidade que tanto se empenha para preservar sua identidade, grandeza e capacidade de se renovar.

Pedro Vicente Ometto Maurano (2021-2022)
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico
de Piracicaba (IHGP)

PRÊMIO GARCIA NETTO DE COMUNICAÇÃO



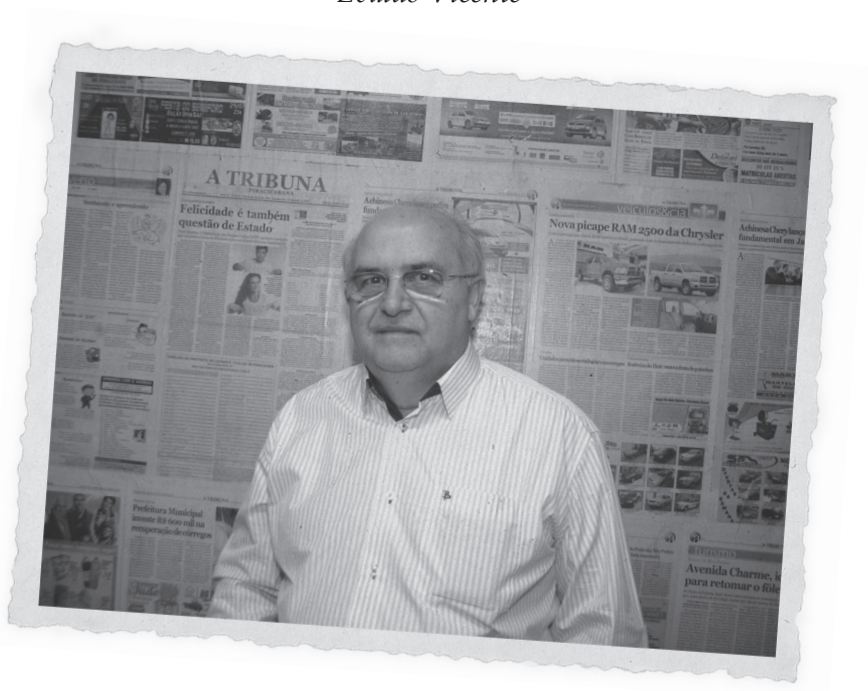
Foto: Davi Negri

A coluna “A Foto e a História” é publicada no jornal A Tribuna Piracicabana desde 2006 até os dias atuais, sempre aos sábados, na intenção de resgatar o passado de Piracicaba. Esta pesquisa recebeu o “Prêmio Garcia Netto de Comunicação – Categoria Documentário Jornalístico” outorgado ao seu autor, jornalista Edson Rontani Júnior. O prêmio foi instituído pela Câmara de Vereadores de Piracicaba em parceria com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, pela propositura do vereador Carlos Gomes da Silva, o Capitão Gomes, seguindo termos do Decreto Legislativo número 4 de 30 de março de 2006. O prêmio foi entregue em 5 de junho de 2009 no Salão Helly de Campos Melges da Câmara de Vereadores de Piracicaba.

O vereador André Bandeira entrega diploma do prêmio a Edson Rontani Júnior, o qual aparece ladeado pelo também vereador Capitão Gomes, autor da lei que instituiu a premiação.

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Evaldo Vicente



Quando A Tribuna Piracicabana superou o sistema convencional de impressão, em 1989, - Edson Rontani, pai, assistiu ao início disso na esquina das ruas Alferes José Caetano e Voluntários de Piracicaba, contribuindo com vários clichês -, e iniciou uma coluna especial, na página dois, já lá rua Rangel Pestana, próximo à Rua do Porto, para endossar a tese de que este é, sempre foi e sempre será um jornal comunitário, da comunidade piracicabana. E com o Edson Rontani vinha, desde os tempos do chumbo, um menino a acompanhá-lo. Era exatamente Edson Rontani Júnior, agora o jornalista já experiente, escritor reconhecido, um beletrista de padrão. Aliás, seus originais são admiráveis.

O assunto era foto antiga, tanto para o pai, Edson Rontani, como para o filho, que continuou como um idealista, preservando a história, resgatando documentos e garantindo que as histórias locais não ficassem à margem. Nasceu, cresceu e vive em Piracicaba, como toda sua família. Edson Rontani Júnior tornou-se jornalista, hoje entre os mestres da boa redação, do texto limpo, sem rodeios, sem se perder na técnica para esquecer o belo e sem floreios que ela desapareça. Ele se especializou, nessa coluna, a contar a história em cima de registros fotográficos, mesmo que anônimos ou de pessoas anônimas.

Tal a importância desse trabalho – que a família de A Tribuna Piracicabana agradece, numa gratidão profunda – que, em 2009, a coluna “Foto e História” recebeu o Prêmio Garcia Netto de Jornalismo, categoria Documentário Jornalístico, entregue pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Isso foi, para a redação de A Tribuna, um orgulho profissional, atribuído tão somente ao jornalista e escritor Edson Rontani Júnior, reconhecido em Piracicaba e região, extensão daquele menino que, em 1974, acompanhava o pai, Edson Rontani, para entregar os clichês do Nhô Quim e das tiras que produzira anteriormente. Com a família, aprendeu a ser bondoso.

Edson Rontani Júnior – terceira geração de uma família nascida e criada em Piracicaba – tem, além da bondade e do dom da palavra escrita, da letra de forma, uma inspiração histórica que me traz à lembrança o lendário Tristão de Ataíde, na versão original de Alceu Amoroso Lima, ao afirmar que “passado não é o que passou, mas o que ficou do que passou”. E deste, do que ficou do que passou por aqui, certamente, Edson Rontani Júnior é fiel depositário com um ideal sem fim.

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) presenteia Piracicaba com este livro, e quem ganha com tanto labor e dedicação de Edson Rontani Júnior, com as melhores fotos, é o povo (cai)piracicabano que gosta de conhecer e reconhecer sua (nossa) história.

**Evaldo Vicente, jornalista,
diretor de A Tribuna Piracicabana**

EDSON RONTANI JÚNIOR

É piracicabano e sempre respirou o jornalismo. Isso porque vivia ao redor do pai, Edson Rontani (1933-1997), casado com Ivete D'Abronzo Rontani, e acompanhava seus passos com as contribuições aos jornais de Piracicaba. Rontani pai criou o primeiro fanzine do Brasil em 1965 e isso inspirou seus filhos e sobrinhos a lançarem revistas artesanais seguindo este formato de comunicação ainda hoje em uso.

Edson Rontani Júnior seguiu esses passos e já aos sete anos de idade publicou um tímido jornal, com desenhos e tortas letras para distribuir entre os parentes. A partir daí, seguir a carreira do jornalismo foi um passo rápido e seguro. Trabalhou no suplemento infantil do Jornal do Povo Piracicabano ao lado de Paulo Markun, Emílio Moretti e do irmão Eron D'Abronzo Rontani e primos Mauro Rontani, Fernando Bassete e Lorivaldo Bassete.

Nos anos 1980 atuou como sonoplasta da Rádio Difusora de Piracicaba F.M. e como redator e repórter da Central Difusora de Jornalismo A.M. Foi nesta década que, mais uma vez impulsionado pelo pai, segue as cadeiras acadêmicas da comunicação social na Universidade Metodista de Piracicaba

(Unimep), formando-se em jornalismo no ano de 1991. A década de 1990 o leva a coordenar o Departamento de Jornalismo da Rádio Alvorada A.M. de Piracicaba e logo em seguida a fundar a E. R. J. Comunicações na qual se dedica ainda hoje em assessorias para empresas e entidades ligadas à odontologia. Trabalhou nas assessorias de imprensa do Liceu Terras do Engenho, Associação dos Endodontistas da FOP/Unicamp (Assendo), Uniodonto São Paulo, Uniodonto Paulista, Uniodonto do ABC, Uniodonto de Limeira e Uniodonto Botucatu. Atualmente assessora na área de comunicação a Uniodonto de Piracicaba (desde 1994) e a Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas - Regional Piracicaba (desde 1997).

Foi crítico de cinema e TV de “O Diário de Piracicaba” e da “Tribuna Piracicabana” e comentarista político na “TV Beira-Rio”.

Retornou a faculdade para se especializar na comunicação digital alcançando o título de pós-graduado em Jornalismo Contemporâneo, em 2010.

Recebeu o Prêmio Losso Netto de Jornalismo de 1990 entregue em conjunto pela Faculdade de Comunicação da Unimep e pelo Jornal de Piracicaba.

Foi membro do Clube dos Escritores de Piracicaba na condição de Membro Titular do Conselho Acadêmico ocupando a cadeira número 50, a qual tem como patrono seu pai, Edson Rontani.

Foi laureado com o Colar de Mérito Literário Haldumont Nobre Ferraz e recebeu o Troféu 25 anos do Clube de Escritores de Piracicaba.

Foi membro do júri de seleção do Salão Internacional de

Humor de 2011 e presidente da Comissão Organizadora na 39ª. Edição (2012), além membro do júri de premiação na edição de 2020. Foi vice-presidente fundador da AHA – Associação dos Amigos do Salão Internacional de Humor e presidente da entidade entre 2019/2020.

Presidiu o Núcleo MMDC Voluntários de Piracicaba de 2013 a 2020, ocupando anteriormente a vice-presidência da entidade. Por esta dedicação recebeu a Medalha e Diploma MMDC, com registro no Setor de Honrarias da Casa Civil do Estado de São Paulo.

É membro ativo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) desde 23 de abril 2010, integrando a Comissão de Publicação de Livros na gestão 2014/2016 de primeiro secretário na gestão 2016/2018 e vice-presidente nas gestões 2018/2021 e 2021/2022.

Em 2016, assumiu a tesouraria do Instituto Beatriz Algodal.

Em 2016 foi empossado como imortal da Academia Piracicabana de Letras, sendo seu atual primeiro tesoureiro, ocupando a cadeira da patronesse Magdalena Maria Salati de Almeida.

MINHAS IMPRESSÕES PELAS FOTOS E PELOS FATOS

Edson Rontani Júnior

Tudo começou na infância. Foi numa época em que álbuns de retratos completavam os encontros familiares. Grandes, eles eram abertos por alguém e as pessoas se espalhavam ao lado ou atrás destas para ver os registros familiares ou turísticos. Creio que tenha sido desta forma o primeiro contato com a fotografia ... Minuto ! Meu primeiro contato foi com certeza quando bebê, porém na condição de modelo, fotografado pelos pais ou parentes. A fotografia ainda era em preto e branco ! Com a infância, os álbuns de fotografia passam a ser um hobby. Álbuns com moldura facilitavam a troca de sua ordenação. Vieram os álbuns autocolantes, o que dificultava um tanto sua retirada.

De fotografado a colador de retratos em álbuns, apaixonei-me pela fotografia, numa espécie de d. Pedro II contemporâneo, fotografando tudo e registrando de forma amadora

peças e fatos. Uma das primeiras máquinas fotográficas que tive contato era do tipo caixão, com lentes reflex, meros pedaços de espelho que davam a noção do que o obturador iria flagrar.

Época de muita expectativa, pois os filmes vinham com 8, 12, 24, 36 fotos por filme. Claro que se perdiam alguns no início ou fim. Velavam, como dizíamos, pelo contato com a claridade. Esperava-se o filme acabar para enviar à revelação. Isso, às vezes demorava semanas ... meses ... Foi comum nesta vivência, revelar fotos e ver nestas pessoas que já haviam falecidas meses antes, tal a economia que tínhamos com o negativo.

Das câmeras tipo reflex vieram as compactas da Kodak ou da Fuji. Os flashes de bulbo se tornaram compatíveis nelas. Também houve as máquinas de revelação instantânea, no Brasil comercializada principalmente pela Polaroid. Entramos no mundo digital e surgem máquinas que tiram fotos e salvam em disquete e depois na memória interna. Na atualidade, o smartphone é nossa caixa de registro dos “retratos”, quando, não muito, servem de editores de imagens e seu flash funciona também como lanterna.

Lá pelos idos de 1970, minha família lia uma das revistas mais tradicionais de então, intitulada “Fatos & Fotos”, da Editora Bloch, numa espécie de “Caras” da época. Eram celebridades sendo destaque com textos que exploravam sua vida íntima ou social.

A paixão pelas fotos me fez ter uma coleção de imagens obtidas, presenteadas e arquivadas pela família. Alguns familiares se desfizeram de muitas delas. Algumas, acabaram

caindo em minhas mãos. Assim, fiz uma ínfima coletânea que poderemos ver nas próximas páginas, trazendo, além do impacto visual um acompanhamento curioso sobre a situação retratada. Por isso, o nome de “A foto e a história”. Espero que gostem.

AS CAMISAS
KRAIDE

Dão a você,
aquele

**Tóque de
elegancia**

Que todos admiram!...



Confecções KRAIDE

R. Prudente de Moraes, 453
Telefone 3407

Caninha **TATUZINHO**

O MELHOR APERITIVO NACIONAL

**Uma Tradição de Pai
para Filho desde 1910**



Diariamente dezenas de caminhões deixam os Depósitos da Caninha TATUZINHO, em Piracicaba, rumo a todos os Estados do Brasil!

SUMÁRIO

Capítulo Personalidades	25
Capítulo Locais	61
Capítulo Artes	99
Capítulo final	115

Capítulo
PERSONALIDADES

Avatar muito antes de existir esta denominação, Cícero Correa dos Santos personificava o Nhô Quim nos anos 1960, não apenas nas partidas do E. C. XV de Novembro, como também nas festividades tradicionais de Piracicaba. Esta foto, datada de fevereiro de 1968, mostra o personagem em carne e osso, na qual Cícero se espelhava para animar as pessoas. E olha que isso exigia muita coragem, demonstrada talvez por sua paixão pelo alvinegro local. Cícero, renomado fotógrafo da terrinha, deixou sua marca não apenas na arte de “tirar retratos” como também por ser um dos primeiros avatares da contemporaneidade local. O “Tremendão” da placa era uma referência a Humberto D’Abronzo, presidente do E. C. XV de Novembro durante a epopeia que o elevou para a elite do futebol paulista em 1967. Foto: acervo pessoal





Conheci Paulino Fernandez da Silva na década de 1990. O popular “Zé Risonho” é uma figura carismática de Piracicaba. Diz conhecer Mazzaropi antes da fama e ter atuado na “Discoteca do Chacrinha”. Foi tema de um curta-metragem intitulado “O Sonho de Zé Risonho”. Seu nome artístico foi dado pelo sorriso constante motivado inclusive pela aproximação com Luiz Gonzaga. Participou de filmes dirigidos por João Batista de Andrade e Ozualdo Candeias. Natural de Presidente Venceslau, foi em Piracicaba que fincou suas raízes. Na foto, reprodução de um compacto de 1975 no qual ele apresentou, ao lado de Maria Fulô, quatro canções, entre elas “Lampião de Gás”. Foto: Reprodução da capa do disco.

Resultado de uma noite de caçada no Mato Grosso, durante os anos de 1960. Na foto, Fernando Vecchini, da tradicional empresa “Chaveiro Expresso”, à margem de um rio do Estado segurando uma sucuri com mais de cinco metros. O registro é curioso principalmente para os olhares mais incautos que nunca se depararam com um ofídio deste tamanho, algo só visto no cinema, através do qual ela foi retratada como anaconda. A sucuri é a mais pesada de todas as cobras - alguns dizem que também é a mais longa -, existente na América do Sul, igualando-se à python, encontrada na Ásia. A maioria das sucuris atinge aproximadamente 7,6 metros. Foto de acervo pessoal.





Foto de setembro de 1940, na qual estão Enéas Lemaire de Moraes, Bruno Ferraioli, Arnaldo Velho, Paulo Teixeira Mendes, João Zacharias Maia e Mário Marins; Mário Lázaro dos Santos, Osmar Soares Pinto, Coriolano Ferraz do Amaral, Ulisses Berna e Sebastião de Camargo Teixeira. Profissionais da odontologia juntos ao provedor da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba Coriolano numa das primeiras fotografias do departamento mostrando a instalação do setor de traumas maxilo-faciais. Em 1942, Bruno Ferraioli passou a desenvolver as atividades no Gabinete de Dentista da Santa Casa. Até hoje o serviço existe. Reprodução do livro “Museu Odontológico – 25 Anos”.

Piracicaba aguardava anualmente algumas manifestações públicas, como a Banda do Bule nos anos 1970 e 1980. Outra euforia era o desfile dos calouros da Esalq, como demonstram essas fotos de 1942. A então Escola Agrícola era ponto de referência na cidade, ocupando por bom tempo o trono de única escola de graduação superior no município. Existem até quem diga que a tradição denotava certa superioridade diante de outras universidades ou faculdades que depois surgiram e geraram contestações e adversidades. Um dos casos, entre tantos outros, ocorreu num jogo de futebol realizado no Estádio Roberto Gomes Pedrosa nos anos 1960 contra os futuros odontólogos da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, no qual não apenas a bola como também o “pau correu solto”. Fotos: Acervo Ivana Maria França de Negri





O grande oficial Mario Dedini dispensa apresentações. Mas não custa apresentá-lo à atual geração. Nasceu na Itália em 1893 e, em 1914, veio ao Brasil estabelecendo-se em Santa Bárbara D'Oeste. Sonhava montar uma usina de açúcar e sua vontade aumentou quando soube que no estado de São Paulo faltavam mecânicos e técnicos especializados. Em 1920, ele e seu irmão Armando Césare compraram, em Piracicaba, na Vila Rezende, uma pequena oficina de carpintaria e ferramentas para consertos de veículos e implementos agrícolas. Em seguida, adquiriu um forno para fundição de ferro, habilitou-se a atender as necessidades mais urgentes dos engenhos de aguardente e açúcar batido. Mario Dedini faleceu no dia 28 de fevereiro de 1970, em Piracicaba, deixando de luto toda a cidade, perdendo um homem que dedicou mais de 50 anos de trabalho. Foto: Acervo Unicamp.

Equipe tri-campeã da várzea piracicabana de 1956. O Clube Atlético Piracicabano (CAP) por décadas defendeu os rezendinos. O “Tricolor da Vila-Rezende” atuava no certame com unhas e dentes no Estádio Dr. Kok. Inicialmente, o clube se chamava Associação Atlética Sucrerie, denominação de origem francesa e derivada da mesma companhia situada no Engenho Central, onde trabalhava a grande maioria dos esportistas rezendinos. Durante a 2ª. Guerra Mundial, o então presidente Getúlio Vargas assinou lei exigindo que todos os clubes, associações, grêmios, federações e ligas que tivessem os nomes gravados com denominações, insígnias ou símbolos estrangeiros seriam obrigados a substituí-los com nomes nacionais, sob pena de perderem seus direitos civis e constitucionais. A agremiação realizou, no dia 16 de junho de 1941, Assembleia Geral Extraordinária para referendar a aprovação da mudança de A. A. Sucrerie para A. A. SUCRERE, alteração essa que consistiu apenas na exclusão da vogal “i” do vocábulo estrangeiro “Sucrerie”. Um ano depois mudou para o tradicional CAP.





Emílio Castello foi diretor da Escola Agrícola de Piracicaba em 1916. Era formado pela Escola Politécnica de São Paulo, onde fez o curso de engenheiro agrônomo. Foi nomeado, em 1905, diretor do Posto Zootécnico Central Carlos Botelho. Em 1910, o secretário de agricultura Pádua Salles o nomeia Inspetor de Agricultura e em seguida organiza o plano de administração da Fazenda Modelo de Amparo. Foi lá que ele desenvolveu o projeto que culminou com a Escola Agrícola, hoje ESALQ. Assumiu a direção da Escola em 31 de dezembro de 1912, ocupando a vaga deixada por Clinton Smith que retornava aos Estados Unidos para a função de catedrático da Universidade de Cornell, em Nova Iorque. Antes da Escola Agrícola, Castello foi diretor da Escola de Minas, em Ouro Preto. Em 1915, foi a Argentina estudar a produção de alfafa regressando com elaborado relatório utilizado amplamente em Piracicaba. Foto: reprodução do livro “Piracicaba e sua Escola Agrícola”, por Mario de Sampaio Ferraz, 1916, Typographia Brazil de Rothschild & Cia.

Foto cedida pelo saudoso artista plástico Eugênio Nardin. Datada de 11 de julho de 1939 no Seminário Seráfico São Fidelis, em Piracicaba. Aparecem nela David Furlan, Waldemar Arana, Homero Scudeller, Eugênio Nardin e Aurelio Brossi, todos juntos ao mestre Frei Paulo de Sorocaba, um dos maiores artistas do interior paulista. Viveu longos anos em Piracicaba e chegou a pintar obras-primas tanto no São Fidelis como na Igreja dos Frades.



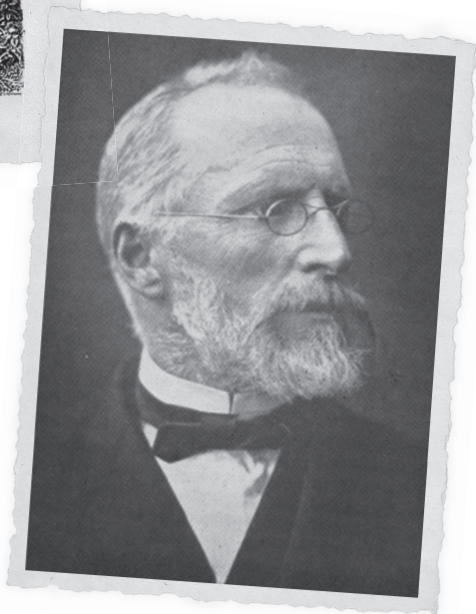
Johann Jakob von Tschudi, naturalista e explorador suíço, visitou Piracicaba em 1860, segundo o livro “Manual de História Piracicabana”, escrito pelo professor Guilherme Vitti no ano de 1967. Veio conhecer Piracicaba e espantou-se com a disposição dos quarteirões na cidade que se expandia a partir do Rio. Tschudi nasceu em Glarus (Suíça), e estudou ciências naturais e medicina nas universidades de Neuchâtel, Leiden e Paris. Em 1838, viajou ao Peru, onde permaneceu durante cinco anos, explorando e colecionando plantas nos Andes.

Entre 1857 e 1859 visitou o Brasil e outros países da América do Sul. Em 1860, era o embaixador suíço designado no Brasil, permanecendo até 1868, quando se dedicou a explorar o meio rural e a colecionar para os museus de Neuchâtel, Glarus e Friburgo.

Em Piracicaba, ele escreveu “é uma cidadezinha com o aspecto de extensa aldeia, com muitas casas espalhadas. Quando perto, porém, a povoação é cerrada, moldurada por uma série de risonhas casas de campo, no meio de magníficos laranjais e bananais”.

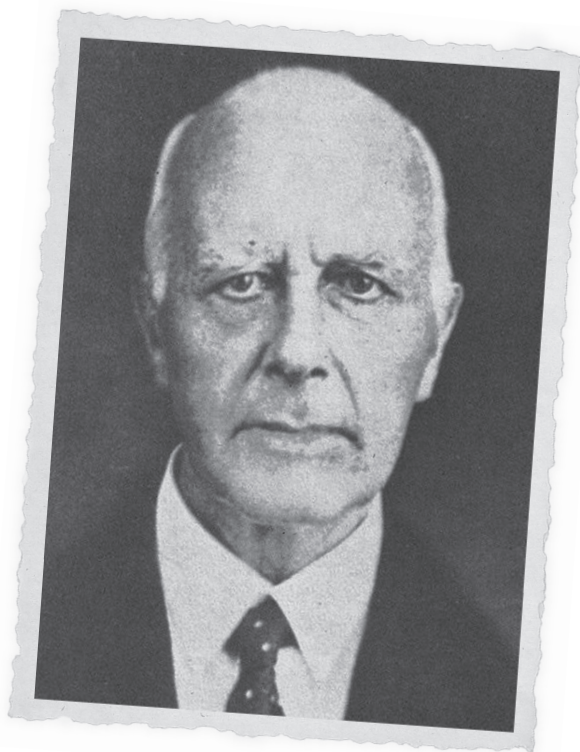
Piracicaba possuía perto de 10 mil habitantes, sendo que apenas 4 mil residiam na cidade. Criticou muito a arquitetura da cidade. Nas anotações, deixou claro a preocupação em criar um hospital, que seria depois a Santa Casa local. Afirmava que a cidade era um entreposto do sal vindo de Santos, usado por lá para salgar peixes e por aqui para alimentar gado. Visitou também o cemitério local, situado nos idos de 1860 na atual praça Tibiriçá, onde fica a Escola Moraes Barros, mais precisamente na rua Treze de Maio entre as ruas Alferes José Caetano e Rosário.

Reprodução da publicação “Reisen durch Südamerika”, de Johann Jakob von Tschudi. Editora F.A. Brockhaus, 1868



Piracicaba foi o cenário de esportistas como Pecente, Wlamir, Waldemar Blatkauskas e muitos outros. Nos anos 50, o basquete da cidade chegou a ter um destaque nunca imaginado. O time masculino do XV de Novembro chegou a viajar ao exterior para participar de diversos torneios. Na foto, clicada pelo mestre Idálio Filetti, um flagrante da partida inicial dos Jogos do Obelisco que a cidade sediou em 1956, no Ginásio Municipal, em fase de finalização de suas obras.





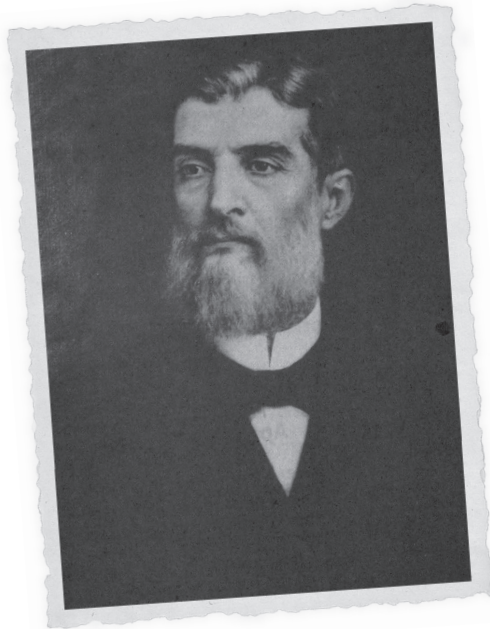
O senhor que estampa esta página pode ser pouco conhecido do piracicabano, mas teve certa influência - mesmo que à distância - em nossa cidade. Percival Farquhar foi personificado por Tony Ramos na série "Mad Maria", baseada em livro de Márcio de Souza, levada ao ar pela Rede Globo entre janeiro e março de 2005. A adaptação falava da instalação da Ferrovia Madeira-Mamoré, no Território Federal de Guaporé (atual estado de Rondônia). No seriado,

ele era um amante inveterado, dono de uma riqueza imensa e grande empreendedor da malha ferroviária.

Farquhar é norte-americano nascido em 1864 e falecido em 1953. Teve investimentos em Nova Iorque na concessão de serviços de bondes, além de Cuba, Guatemala, Rússia e Brasil onde explorou trens pelos quatro cantos do país. Este senhor foi proprietário da Sorocabana Railway Company, mais conhecida por Sorocabana, cuja estação de trem situava-se no Centro de Piracicaba onde hoje está o Terminal Central de Integração (TCI), Prédio Comendador Antonio Romano. Em 1906, em sociedade com o banqueiro francês H. Legru, Farquhar arrendou do governo do estado de São Paulo as linhas que foram da Companhia União Sorocabana e Ituana, denominando a nova empresa Sorocabana Railway Company. Lucrativa até 1912, sua situação começa se reverter gravemente no final dessa década.

A princípio, Fraquhar conseguiu expandir e operar a rede da ferrovia, que chegou a contar em 1911 com 3.061 empregados, atingindo 4.767 em 1918 no último ano antes de ser encampada. Finalmente o governo do estado de São Paulo, na gestão Altino Arantes, resolve encampar a Sorocabana Railway Company, no dia 9 de setembro de 1919, assumindo novamente sua gestão.

A empresa teve as seguintes denominações Sorocabana Railway (1909-1919), E. F. Sorocabana (1919-1971) e FEPASA (1971-1998).



Uma figura muito divulgada na disciplina Educação Moral e Cívica quando ela ainda fazia parte do ensino estadual, lá pelos nos anos 1970 e 1980. Prudente de Morais foi o terceiro presidente da República brasileira e o primeiro civil a ocupar o cargo. Nasceu em Itu, mas viveu e morreu em 1902 em Piracicaba. Está enterrado no Cemitério da Saudade. Foi vereador na cidade de Piracicaba no final do Império, além de governador de São Paulo e senador. Perdeu o pai aos três anos, assassinado por um escravo. Veio a Piracicaba em 1865 para ser advogado. Presidente Prudente e Prudentópolis são duas cidades que o homenagearam com seus respectivos nomes.

Os jovens da foto também pensaram em mudar o mundo. Assim como pretendiam os Beatles. O tempo passou e ficou a nostalgia. Se o mundo sofreu influência deles, a história é outra. José Roberto Rebelo, Manoel Sampaio de Mattos Filho, Abdo Maluf Germano e Arthur Rebocho formaram, em junho de 1966 (época da foto), o conjunto Os Cambitos, uma espécie de Beatles cover para animar clubes, formaturas e os tradicionais bailes de debutantes. Todos eram estudantes do segundo ano do curso científico do Sud Menucci. Era época da Jovem Guarda na qual muitos conjuntos brasileiros escolhiam nomes em inglês para conseguir um espaço no mercado. Já os “cambitos” do grupo foi escolhido devido às pernas finas dos seus componentes. A foto foi cedida pela escritora Ivana Maria França de Negri.





Blota Júnior foi advogado formado pela Faculdade de Direito da USP. Mas colecionou outras credenciais. Trabalhou na Rádio Record e Rádio Jovem Pan. Foi vice-presidente da Caloi, fabricante tradicional de bicicletas, além de deputado estadual por três mandatos e deputado federal por uma legislatura. Foi o criador e apresentador oficial do Troféu Roquete Pinto, em conjunto com a esposa Sonia Ribeiro. Na foto, de meados da década de 1960, ele aparece ao centro do conjunto piracicabano Os Cambitos, que, por sua vez, tiveram apoio da Caninha Tatuzinho para uma apresentação televisiva na capital paulista. Blota está ladeado por José Roberto Rebelo, Manoel Sampaio de Matos Filho (à esquerda), Abdo Maluf Germano e Arthur Rebocho.

Registro fotográfico do dia 28 de maio de 1967, ocasião em que se casavam Waldemar Romano (cirurgião-dentista e vereador) e Maria Ignês de Mattos Romano (funcionária da Câmara Municipal). Os convidados foram recepcionados na casa da família, situada no centro de Piracicaba. Na foto, a família Romano: Maria Azzini (ao centro) e os filhos Américo, Elza, Henrique, Pedro (Bene), Antonio, Elisa e Hélio.

A família, sob coordenação e liderança de Antonio Romano (comendador pela Santa Sé), foi proprietária da Retífica Romano S/A, instalada à rua São José nº 1122, encerrando suas atividades em 1980. Pedro Romano foi proprietário da Funilaria Bene, situada à rua Bom Jesus nº 735. Elza Romano, formada pelo Instituto Educacional Sud Mennucci, foi professora primária em Penápolis, Pirambóia, Distrito de Tupi (Piracicaba) e aposentou-se no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Registro fotográfico de Isolino Nascimento, que tem seu nome entre os baluartes da fotografia piracicabana.





Mazzola nasceu em Piracicaba, em 24 de julho de 1938, jogando no Esporte Clube XV de Novembro da cidade de 1956 a 1958, numa época em que apenas o rádio registrava os eventos futebolísticos não apenas na cidade mas em todo o país. Diz a história que foi um excelente profissional de rápida ascensão.

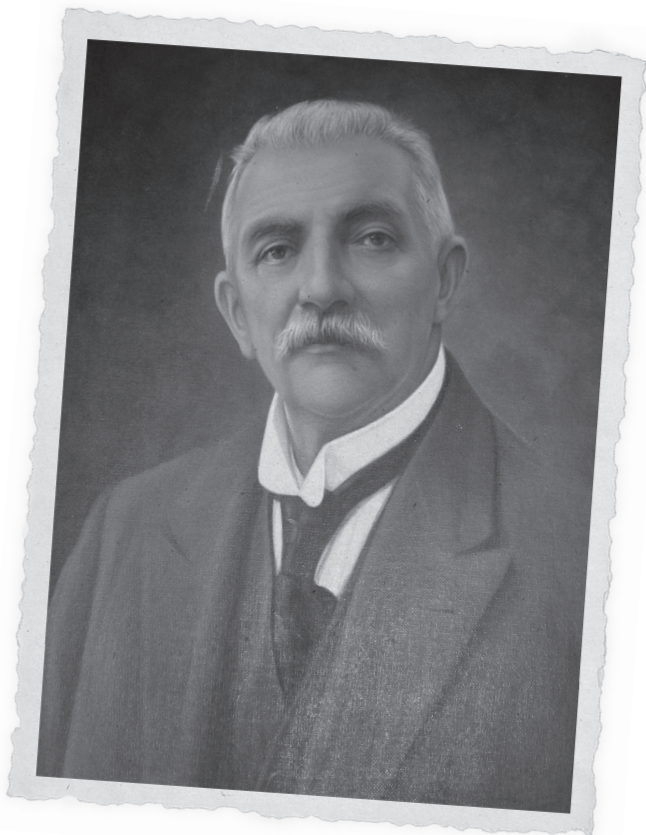
Antes, atuou no Clube Atlético Piracicabano de 1950 a 1954, quando conheceu os diretores Armando Dedini e Humberto D’Abronzio que buscavam, na época, colocar o time na divisão principal do futebol paulista, alegando que Piracicaba precisava mais que apenas um time além do E. C. XV de Novembro.

José João Altafini ganhou o apelido de Mazzola pela semelhança com o jogador italiano Valentino Mazzola. Defendeu o Palmeiras e a seleção brasileira na Copa de 1958. Em seguida, foi para o Milan. Passou também por Juventus e Napoli. Naturalizado italiano, jogou também pela seleção da Itália.

Curioso registro do início do século XX em que fotógrafos também eram habilidosos químicos, realizando nas salas escuras a revelação e ampliação dos filmes. O cheiro de produtos como o revelador e fixador ainda deixa nostalgia naqueles que viveram com a fotografia analógica.

Piracicaba teve grandes casas de venda e revelação de filmes, como a Casa Peu, Fuji Films, Outsubo, Cantarelli e BudaSom, entre outras que acabaram perdendo espaço para o mundo digital, além de famosos fotógrafos que registraram os fatos da cidade. Foto cedida pela Câmara de Vereadores.





Torquato da Silva Leitão foi médico e político em Piracicaba durante o século XIX. A foto é reprodução de tela à óleo do acervo da Santa Casa de Piracicaba, onde ele foi mantenedor. Genro do Barão da Serra Negra, o Francisco José da Conceição, também mantenedor e provedor daquela instituição de saúde. Era casado com Angelina Conceição.



A atriz Luana Marcial aparece nesta foto de 1954 obtida às margens do Rio Piracicaba. Cena do filme “Os Três Garimpeiros”, produção cinematográfica da Fama Film e da Produtores Independentes Ltda. dirigida pelo italiano Gianni Pons. A foto cedida por Gregório Marchiori que a guarda a sete chaves. O próprio Marchiori participou como coadjuvante da obra que pouquíssimos têm, poucos a assistiram e que se tornou popular em Piracicaba por possuir cenas filmadas no Engenho Central, Monte Alegre, Chácara Nazareth e outras regiões da cidade. No elenco, Alberto Ruschel, Milton Ribeiro, Adoniran Barbosa (estes três presentes também em “O Cangaceiro”, rodado um ano antes), Aurora Duarte e Hélio Souto.

O dia era 16 de julho de 1967. O E. C. XV de Novembro de Piracicaba preparava-se para mais uma disputa rumo à conquista da Taça dos Invictos daquele ano. Em pleno Barão da Serra Negra, vê-se os jogadores ladeados por pessoas como o prefeito Luciano Guidotti, dr. Mello Ayres, o massagista Índio, o presidente Humberto D'Abronzo e Rocha Netto, entre outros. Foto: acervo pessoal





Santa ingenuidade temos quando criança. Lembro-me com muita satisfação, na casa dos meus dez anos, quando ouvia falar no “Coelhinho”. Logo vinha à memória a imagem de um roedor branco ou cinza, com um rabinho pom-pom, cuja ligação mais próxima era a de nos brindar com ovos de chocolate na Páscoa. Francisco Antonio Coelho, o “Coelhinho”, em foto reproduzida de original que se encontra no plenário de Câmara de Vereadores (o qual leva seu nome), pode não ter sido um expoente da Semana Santa, mas deixou seu legado como legítimo representante da política local. Foi vereador por três mandatos, de 1960 a 1972, quando se elegeu deputado estadual. Chegou a ser cogitado como candidato a prefeito em 1982, em plena abertura política.



O mestre frei Paulo de Sorocabá diante de uma de suas obras no Seminário Seráfico São Fidelis, situado em Piracicaba. Foto cedida pelo falecido artista Eugênio Nardin. Frei Paulo, em 6 de agosto de 1900 veio a Piracicaba como noviço. Freis indicam-lhe a Europa como lugar para aprimorar seus dotes artísticos. Foi para

a Itália em 1912 sendo pupilo de Antonio Meyer, da Escola de Veneza. Deixou várias pinturas em solo europeu, algumas delas desaparecidas durante a Primeira Guerra Mundial. Lá estudou obras de mestres como Veronese, Tintoretto e Ticiano. Influências que o seguiram até o final da vida. Voltou a Piracicaba em 1913 aqui ficando por dez anos. Em 1917, Frei Paulo pintou, na Igreja dos Frades, o quadro de São Francisco recebendo os estigmas. Uma obra que mede 3 por 2 metros. É uma das mais bonitas obras que ainda hoje existem.

Em 1940, passou por Piracicaba a atriz e cantora húngara que teve destaque no cinema alemão chamada Marta Eggerth. Antes da Segunda Guerra Mundial ela atuava na empresa UFA, produtora dos principais filmes da Alemanha. Fez carreira em dramas ao lado do marido o também ator e cantor Jan Kiepura.

O casal, fugindo do conflito na Europa, residiu um tempo em Águas de São Pedro. Em Piracicaba ficaram apenas algumas horas. Partiram depois para os Estados Unidos onde ficaram até o fim da vida. Lá fez apenas dois filmes pela MGM: “Idílio em dó ré mi” e “Lyly a teimosa”, ambos com Judy Garland. Foto: Dr. Macro





O 15 de Novembro (foto), foi uma agremiação que existiu extraoficialmente em Santa Bárbara D'Oeste, no final da década de 1900. Jogava em praça de esportes localizada no terreno em que hoje está instalada a Cia. Fiação e Tecelagem Santa Bárbara. Curiosidade: o fundador foi o capitão Carlos Wingter (sentado, terceiro a partir da esquerda), da Guarda Imperial e cirurgião-dentista, primeiro presidente do E. C. XV de Novembro de Piracicaba, fundado em novembro de 1913. Foto: jornal "O Trabalho, 3 de outubro de 1909".

Na foto: Em pé: João Rehder, Nhô Dio, Benedito Corrêa, Nêne Carro, João Kuerche de Menezes, José Leopoldino Alves, José de Campos Machado, Manoel Avelino, Bento Ribeiro. Agachados: Isidoro Aprígio, João Tortelli, José Lázaro de Campos, Sebastião Nitão, João Lima, Francisco Fornazari. Sentados: Nhô Teco; Otávio; dr. Carlos Wingter (capitão do time), Joaquim, Pedroso, João Murbach e Chico Carro.

Rudyard Kipling foi jornalista, aventureiro e autor dos mais belos livros escritos na Inglaterra no final do século XIX. São de sua autoria contos como “O Homem que Queria Ser Rei”, “Gunga Din” e “O Livro da Selva”, este último mais conhecido por sua versão intitulada “Mogli”, desenho animado de Walt Disney feito em 1969. Kipling viveu de 1865 a 1936 alternando-se entre sua Índia natal, sua Inglaterra colonizadora e o mundo, como grande curioso. Recebeu o Nobel da Literatura em 1907.

Tão notável personalidade veio ao Brasil o que rendeu a publicação, em 2006 de suas memórias no livro “As Crônicas do Brasil”, de sua própria autoria, lançado de forma muito tardia pela Editora Landmark. A obra nada mais era que um diário cujos originais foram veiculados pelo jornal Morning Post, durante sua estada em nosso solo de 29 de novembro a 20 de dezembro de 1927. Neste período, Kipling visitou Piracicaba. Pena que no livro ele não fale nada sobre a “Noiva da Colina”. O fato foi devido à febre amarela contraída no Mato Grosso. Ainda em São Paulo se recuperava da doença.

Tão nobre personalidade foi recebida no Palacete Luiz de Queiroz, lugar histórico, que ao longo das décadas de 1950 e 1970, provocou diversas iniciativas de desapropriação pelo poder público, todas sem sucesso. O local era propriedade de Luiz de Queiroz e também de Buarque de Macedo, vendendo-a em seguida, à Rodolfo Miranda, ministro da República e proprietário da fábrica de tecidos Boyes. Foto: Bourne & Shephero, Rotary



Eternizado com denominação no “Teatro do Engenho”, Erotides de Campos foi um dos principais compositores paulistas na primeira metade do século XX. Natural de Cabreúva, escolheu Piracicaba como terra para lecionar aulas de química e física. Compôs sambas e marchinhas gravadas por medalhões da música brasileira. Faleceu na “Noiva da Colina” em 20 de março de 1945 aos 48 anos. Foto: Reprodução.





Foto do arquivo do sempre gentil Elias Jorge. Mostra a confraternização após a formatura da primeira turma do Conservatório Dramático e Musical de Piracicaba, no final dos anos de 1950. Na foto aparecem : Oswaldo Cardim, Humberto D'Abronzo, deputado Valentim do Amaral, Jacob Dihel Neto, Elias Jorge, Rosany Martins de Barros Jorge (diretora do Conservatório), Márcio Porto (secretário estadual do Governo de São Paulo), o prefeito Luciano Guidotti, Luiz Morrone, Zenon Sitrângulo e Joaquim do Marco, dentre outros.



Quando criança, eu achava engraçado ver meu pai se referir à uma determinada pessoa pela alcunha “Cobrinha”. Pensava que iria ver uma cobra pequena ou uma pessoa com a cabeça igual ao citado ofídio. Coisas de criança ... Cresci e vi

no famoso “Cobrinha” uma iconografia da música de Piracicaba, perpetuada por muito tempo nos versos do nosso hino, entoando bravamente “Piracicaba que eu adoro tanto, cheia de flores, cheia de encantos ...”. Victorio Ângelo Cobra é hoje merecedor de uma praça situada em frente ao Cemitério da Saudade, segurando seu inseparável violão o qual nos remete aos nostálgicos tempos das serestas. Em 1988, Manoel Lopes Alarcon investiu tudo que pôde para lançar o LP “80 Anos de Cobrinha”, cuja capa foi desenhada por Edson Rontani, numa época em que computador era coisa rara e o nanquim era amigo – também inseparável – dos bons desenhistas. Na contracapa, o radialista Vidal Ramos exalta a história de nosso seresteiro, cuja voz pôde ser ouvida neste “longa-duração” em dez músicas escolhidas a dedo por Alarcon, incluindo “Amarga Serenata”, “Chão de Estrelas” e a eterna “Piracicaba”, de Newton Mello.

Prof. Dr. Carlos Henrique Robertson Liberalli. Docente, pesquisador e administrador. Nascido no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1909, graduou-se em farmácia na sua cidade natal. Em 1939, deslocou-se para São Paulo, com a meta de assumir a direção técnica do “Instituto Medicamentosa Fontoura”. Foi professor de farmacotécnica em 1946, lecionando por 22 anos.

Ajudou a instituir e foi o primeiro diretor da Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, hoje FOP/Unicamp. Filho de Carlos da Costa Liberalli (médico) e Daysy Robertson Liberalli.

Em sua homenagem, foi inaugurada em 16 de agosto de 1978, na capital paulista, a Escola Estadual Prof. Carlos Henrique Liberalli (Rua Dona Maria Ferra do Amaral, 128), Jardim São Francisco. Também na capital, existe uma rua com seu nome na Vila Suzana. A praça em frente à FOP recebeu seu nome. Foto: Acervo Unicamp





Foto com data ignorada na Estação da Luz, capital paulista, na qual aparecem Donato Antonio Salvego, Olindo Elias e Mário Gianote. Eles saíram de Piracicaba rumo a São Paulo para engrossar o corpo de combatentes na Revolução de 1932. O levante, ocorrido de julho a outubro daquele ano, tinha por objetivo depor o presidente Getúlio Vargas e clamava uma nova constituição para o Brasil. Foto: acervo Reinaldo José Ferraz Salvego

Capítulo
LOCAIS



Hoje Clube Coronel Barbosa. Um dos mais tradicionais da cidade. A foto remonta uma época em que os clubes atraíam as pessoas pelos bailes, pelas festas de casamento neles realizados, época de shows ... O prédio que abriga hoje o clube já foi o Theatro S. José. Pela foto, nota-se que parte de sua estrutura original foi mantida. Possivelmente dos anos 1930, a foto mostra um trecho da rua São José na qual as crianças andavam descalças. O Teatro na época, é óbvio, apresentava peças teatrais e filmes como o que estava na semana em que a foto foi registrada. O título ? Não dá para ler nem com ajuda de uma lupa, mas observa-se que era estrelado por Peter Lorre, o genial ator alemão de olhos estrábicos que estrelou entre outros o clássico “M - O Vampiro de Dusseldorf”.

A foto, possivelmente, é dos anos 1930. A dedução vem pela vestimenta das duas pessoas que aparecem nela de forma minúscula, trajando terno e chapéu em pleno dia piracicabano. Foi obtida na altura de onde será instalado o PoupaTempo Estadual, antiga garagem do Comurba, na rua São José. O prédio da direita ostenta a denominação Correios e Telégrafos. Não existe mais. É o estacionamento de uma agência bancária. Demais prédios vistos na foto também ficaram na história, com exceção do Cine Broadway, que existe até hoje, tendo abrigado também o Bingo Broadway. O cinema, um dos mais populares da cidade, foi denominado de Íris, Broadway, Odeon e Tiffany. Foto: acervo pessoal





Com as temperaturas altíssimas registradas em Piracicaba, dá arrepio ao olhar essa foto de 1915 tirada em canavial da Escola Agrícola (hoje ESALQ/USP). Nela, alunos de engenharia agrônômica têm aula prática em uma das plantações da instituição de ensino e, conforme os padrões da época – que seguiam a moda europeia –, estavam de terno, gravata e chapéu em pleno canavial. Assim era um modo de vida que caiu em desuso. O regime de ensino de então exigia poucas horas de aulas teóricas e mais trabalhos práticos. O ensino começava às 7h30m e estendia-se até as 17h30m. Em 1915 estudava-se a criação de um restaurante para fornecer refeições aos alunos. Foto: Piracicaba e Sua Escola Agrícola” (Mário de Sampaio Ferraz, 1916, Typographia Brazil de Rothschild)

I magem fotografada no início dos anos de 1980. Mostra um casarão situado na esquina das ruas Boa Morte e Ipiranga, centro de Piracicaba. Hoje ela não existe mais. Nesta casa nasceu e viveu sua infância Adhemar de Barros (Piracicaba, 22 de abril de 1901 - Paris, 12 de março de 1969) prefeito da capital do estado e governador de São Paulo por duas gestões. Foi aviador, médico, empresário e influente político brasileiro entre as décadas de 1930 e 1960. Pertenceu a uma família de tradicionais cafeicultores de São Manuel. Concorreu à presidência da república do Brasil em 1955 e em 1960, sendo o terceiro candidato mais votado em ambos os pleitos. Foto: Edson Rontani





Registro histórico do comércio de Piracicaba. Foto provavelmente dos anos 1950, encontrada no fundo do baú de um de seus tios pela escritora Ivana Maria França de Negri. “A Musical”, da família Pousa Goudinho, teve diversas lojas em Piracicaba. Uma de suas últimas unidades situava-se à rua XV de Novembro, próximo da rua Governador Pedro de Toledo. Chegou a vender de tudo: eletroeletrônicos, utensílios para o lar, especializando-se a partir dos anos 1980 na venda de discos LP e fitas cassete.

Foto de 1915 da Fábrica de Tecidos Arethusina, fundada em 1881 e situada à margem esquerda do Rio Piracicaba, bem no Centro da cidade. Produzia ao ano cerca 2 bilhões de metros de tecido. A forma da produção devia-se à três turbinas de 250 cavalos cada uma, além de duas caldeiras. Sua produção era feita com algodão nacional em rama. Todo seu tecido era consumido principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A empresa foi fundada em 1874 por Luiz de Queiróz que precisava de energia elétrica e criou a primeira usina hidrelétrica de Piracicaba fornecendo luz para a cidade em 1892. A Arethusina mudou de nome em 1912 passando a se chamar Boyes e Cia. encerrando suas atividades na década de 2000. Foto: “Piracicaba e Sua Escola Agrícola” (Mário de Sampaio Ferraz, 1916, Typographia Brazil de Rothschild)

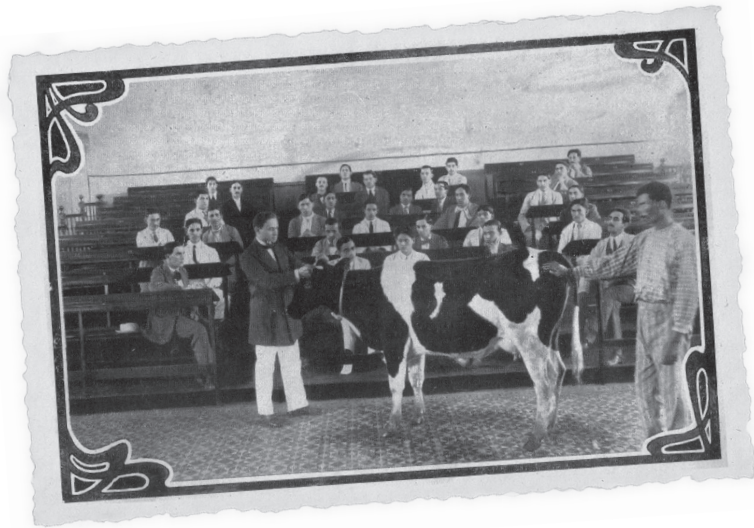




Governanta caseira, guarda-livros, cobrador de ônibus... Algumas das profissões que sumiram com o tempo. Aliás, já se foi também o tempo em que, para comprar calçados, na verdade sapatos, entrávamos numa sapataria. Sapatos, sandálias e tênis hoje são comercializados em lojas de departamentos ou hipermercados, fisicamente ou pela internet, e as únicas lojas que têm o item como carro-chefe agregam o “pisante” à cintos, meias, bolsas e outros acessórios. A foto tem apenas uma indicação nas suas costas “Lembrança da Sapataria Bellatto - 1937”. Impossível de se ler nesta reprodução, mas visível na foto original, vê-se meio escondida entre os dois jovens situados à direita, uma placa com os dizeres “Bellatto - Piracicaba”. Sapataria, sapateiros e comerciantes que fizeram de nossa cidade um centro rico de vendas. Foto: acervo pessoal

Foto tirada no final da década de 1990 pelo cirurgião-dentista Waldemar Romano. O edifício não existe mais. Situava-se na rua Alferes José Caetano nº 1153, entre as ruas Rangel Pestana e XV de Novembro. Este prédio abrigou a partir de 1923 a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, a qual foi denominada de Washington Luiz e depois Prudentes de Moraes. O estabelecimento de ensino superior fechou suas portas em 1935. As informações constam no livro “Museu Odontológico” de autoria de Romano em parceria com Reinaldo José Ferraz Salvego

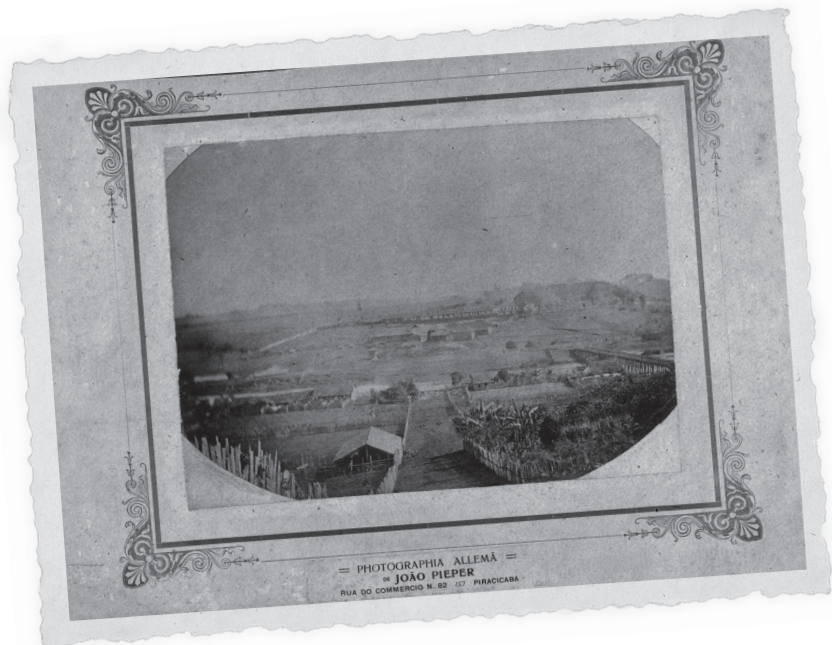




A aula de zootecnia da Escola Agrícola (hoje ESALQ/USP). A foto é da primeira metade da década de 1910 e foi tirada no anfiteatro da Escola. De um lado é interessante, pois sua prática não deve estar mais em vigor. Alunos e professor recebem na sala uma vaca para discussão durante aula. O ensino prático demonstrava que os animais frequentavam as salas invés de livros ou reproduções. O livro “Piracicaba e Sua Escola Agrícola” (Mário de Sampaio Ferraz, 1916, Typographia Brazil de Rothschild) salienta que “a parte prática consiste em estudos de laboratório, a vista de specimens naturaes ou modelados”. Cita também o uso de esqueleto de animais para compreender os métodos de produção, criação e manutenção dos animais, com exercícios práticos de ordenha e alimentação no então Posto Zootécnico.

Foto aérea de autoria desconhecida tirada no primeiro semestre de 1968. Nota-se que quase todos os 30 mil lugares estavam ocupados para uma das partidas do E. C. XV de Novembro. Situação difícil se ver nos dias atuais. Um dos motivos é que, por segurança, são liberados apenas 18 mil assentos. A foto traz um pouco de nostalgia ao lembrarmos de um período em que determinava-se a ocupação da área. Até os anos 1950, o local era conhecido como “Bosque do Barão da Serra Negra”. Nota-se que, acima à direita, ainda não havia o Ginásio Garcia Netto nem mesmo a piscina municipal, espaço ocupado, então, para estacionar veículos.





C hácara São Pedro em registro de 1865 de João Pieper. Trata-se de uma das propriedades do Barão de Resende. Acervo da Biblioteca Nacional.

Av. Maurice Allain possuía esse aspecto nos anos de 1910. Essa era a entrada do Engenho Central pertencente na época à Société Sucreries Brésiliennes. O Engenho foi fundado em 1880 chegando a ser um dos mais importantes do país. Em 1916, produzia 400 mil arrobas (110 mil sacas) de açúcar, através de oito caldeiras da marca Fives-Lille. Em anexo, o Engenho tinha um canavial que ocupava 1.500 hectares sendo produzidos por ano 600 mil litros de álcool. Compunham a mão de obra do local 5 mil pessoas e 740 cavalos. A Sucreries, dirigida então por Holger Jensen Kock, possuía ainda os Engenhos de Raffard, Porto Feliz e Lorena. Foto: "Piracicaba e Sua Escola Agrícola" (Mário de Sampaio Ferraz, 1916, Typographia Brazil de Rothschild)





Grupo Escolar de Piracicaba foi a primeira denominação da Escola Barão do Rio Branco, situada no cruzamento da rua Governador Pedro de Toledo com a rua Ipiranga. A escola foi fundada em 13 de maio de 1897. Iniciei meus estudos lá, na primeira metade dos anos 1970, quando os principiantes ao estudo faziam o “primário”. Lá conheci o professor “Cridão” (Euclides Buzetto) e o diretor José Wander Parsia. Também foi onde formei as amizades que me seguiriam pelas décadas seguintes. Este registro fotográfico, de 1915, “expressa os preceitos da pedagogia moderna”, segundo publicidade da época. O prédio foi restaurado, sendo que inicialmente possuía dois andares e quatro grandes salões, além de nove salas para aulas. Naquele ano, eram 355 alunos matriculados, sob a direção de Adolpho Carvalho. Foto: “Piracicaba e Sua Escola Agrícola” (Mário de Sampaio Ferraz, 1916, Typographia Brazil de Rothschild)

A foto mostra a sede administrativa do Clube Atlético Piracicabano, nos anos de 1960. Situado na avenida Barão de Serra Negra, ao lado da praça da Igreja Imaculada Conceição, na Vila Rezende. O clube representou por muitas décadas os rezendinos, se não toda Piracicaba. O prédio não existe mais. O CAP foi fundado em 8 de fevereiro de 1914. Desportistas do bairro, sendo a maioria deles funcionários do Engenho Central, decidiram interceder junto ao proprietário do terreno situado na Av. Dona Francisca, Dr. Holger Jensen Kok, então diretor superintendente da Societé de Sucreries Bresiliennes – Engenho Central, que locou aquela área por valor ínfimo, para que pudessem construir um campo de futebol. Na ocasião, o clube não tinha uma sede e apenas o Estádio Dr. Kok. Nos anos 50 ganhou então esta sede administrativa. Foto: Idálio Filetti



Foto na qual aparece a Igreja Metodista de Piracicaba, provavelmente na década de 1930, obtida do meio da praça dr. Alfredo Cardoso. Os primeiros metodistas vieram ao Brasil em 1835, mas só se firmaram no país com o fim da Guerra Civil Americana, em 1865. O primeiro núcleo metodista foi montado em Santa Barbara D'Oeste. Junius Estaham Newman foi precursor. Ele e sua família mudaram-se para Piracicaba onde permaneceram entre 1879 e 1880, quando as filhas de Newman, Annie e Mary, organizaram um internato e externato. O "Colégio Newman" é considerado precursor do Colégio Piracicabano. O primeiro salão de culto de Newman foi uma pequena casa, coberta de sapé e de chão batido. Ele pregava para todos, fossem metodistas, batistas e presbiterianos. Foto: acervo pessoal





Ano de 1956. Piracicaba sedia o 6º Jogos do Obelisco com atividades esportivas realizadas no Ginásio Municipal ainda em construção. Cerca de uma década depois receberia a denominação de Ginásio Waldemar Blatkauskas. Na época, foi erigido o obelisco que ilustra esta foto, repre-

sentado inclusive no troféu entregue aos campeões do certame. Onde foi parar o Obelisco, ninguém sabe. Abriu caminho para a expansão do local que abrigou mais tarde o complexo esportivo que envolveria o Estádio Barão de Serra Negra, o Ginásio Garcia Netto e a Piscina Municipal Dr. Samuel de Castro Neves. O Obelisco estaria instalado onde hoje encontra-se o estacionamento do Ginásio, à rua 13 de Maio quase esquina com a avenida Independência.



Curiosa vista aérea da Vila Rezende, a partir da avenida Rui Barbosa, possivelmente nos anos 1950. Ao fundo, uma mata não explorada pelo piracicabano. Um pouco antes, nota-se, à esquerda, o Instituto Baronesa de Rezende, na época internato, e ao seu lado a Igreja Matriz da Vila Rezende. O jardim em frente à Matriz ao estilo europeu onde as pessoas se reuniam para conversar e passear, numa época em que a TV não existia e as redes sociais ainda não eram virtuais. Abaixo, a indústria de aguardente Tatuzinho. Bem diferente do cenário que vemos hoje. Foto: acervo pessoal

Foto do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Feita possivelmente nos anos 1920. Mostra uma máquina semeadora de alfafa em Piracicaba. A máquina era movida a cavalos e precedeu os tratores nos campos. Mesmo ao ar livre, com o calor que Piracicaba registra, vê-se ao lado da máquina, homens ao estilo europeu, com ternos, e chapéus. Ao lado inferior esquerdo a inscrição “Semoir de fuzerne à Piracicaba”, mostrando o predomínio da língua francesa sobre o ocidente antes da 2ª. Guerra Mundial.





A foto, do saudoso Idálio Filetti, por volta de 1969, mostra a então “Casas Pernambucanas”, como empresa que só vendia tecidos, situada no mesmo local onde está atualmente, no cruzamento das ruas Governador Pedro de Toledo e Rangel Pestana. É uma foto que traz a recordação de um Governador de paralelepípedos, com carrinhos de pipoca e sorvete numas das equinas. Uma época em que as calças ainda eram de tergal, em que se vendia pinhão nos dias frios e que existiam casas residenciais neste trecho mais central da cidade. A rua está tomada pelo comércio desde a avenida doutor Paulo de Moraes. A foto traz também um ar de nostalgia, pois, nela ou nas proximidades, muitos puderam realizar compras em estabelecimentos como o da família Pousa, Loja da Lua, a Briveste, o Supermercado Guerra ou o Supermercado Catarinense.

Foto tirada em 1915 mostrando a sala de jantar da Chácara Nazareth, situada – hoje – bem no Centro de Piracicaba. Pertencente a João Conceição, foi um dos cartões postais da cidade no início do século XX. Mário de Sampaio Ferraz, no livro “Piracicaba e sua Escola Agrícola” (1916, Typographia Brazil de Rothschild) escreveu que a Chácara era interessante tanto por sua topografia como por sua agricultura, chegando a considerá-la “uma das mais bonitas do Estado de São Paulo”. Na época, a Nazareth produzia café, milho, feijão e frutas diversas, principalmente a uva. No livro, ele relata uma vinícola experimental implantada por João Conceição, com garrafas produzidas para consumo da família, portanto desconhecidas do comércio.



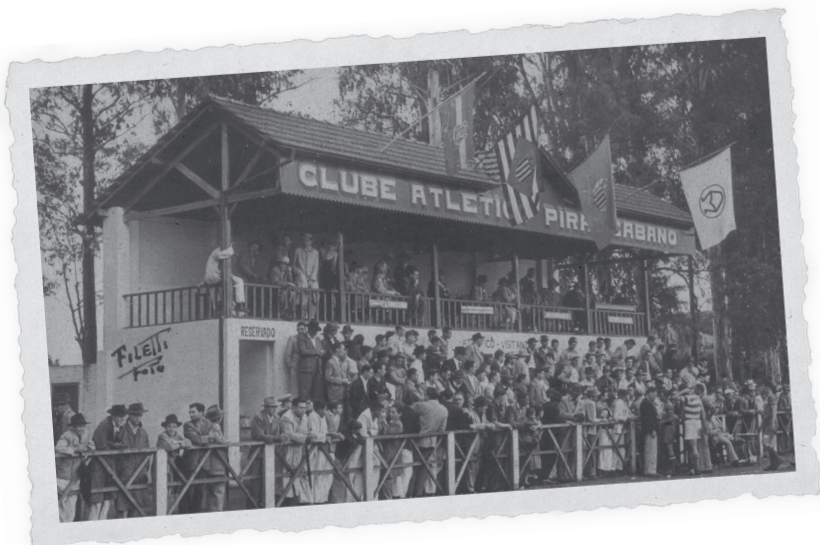
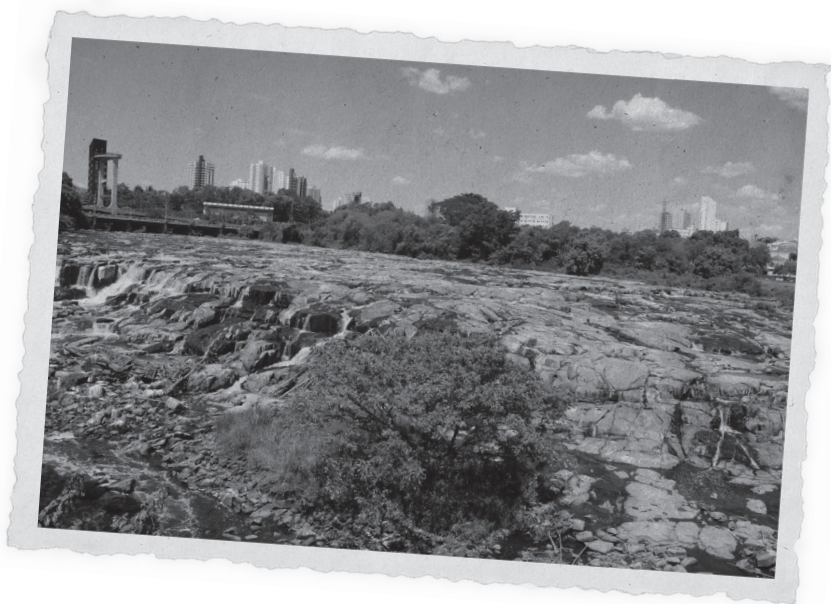


Foto do mestre Idálio Filetti, provavelmente dos anos 1940. Mostra a torcida do Estádio Dr. Kok. Interessante é saber que o estádio surgiu por intercessão de alguns desportistas, sendo a maioria deles funcionários do Engenho Central. Em 8 de fevereiro de 1914, criou-se a Associação Atlética Sucrierie, depois Clube Atlético Piracicabano. Uma campanha destinada a arrecadar fundos para a compra da área do estádio, foi desencadeada pelo sr. Lázaro Pinto Sampaio, que contatou fornecedores, industriais, comerciantes, proprietários de engenhos, usineiros etc, além de contribuições dos funcionários da empresa Dedini S/A, a fim de buscar as verbas necessárias. Assim foi possível efetivar a aquisição da área que foi denominada Estádio dr. Kok (ou Koch), em homenagem à memória do nobre patriarca, no dia 5 de agosto de 1941.

O rio Piracicaba virou pedra. Foto de Justino Lucente, registrada em 2014. Cena como essa, numa das piores crises hídricas já presenciadas neste século, assustou muitos piracicabanos que, curiosos, puderam caminhar pelo salto já que a água ali não jorrava. Em 2021, situação idêntica, porém, não tão intensa, foi sentida, chamando a atenção para o futuro que estamos deixando para as futuras gerações.



Fabrica de Balas e Caramellos
ATLANTE

PRODUTOS ANALISADOS E APROVADOS PELO SERVIÇO SANITARIO DO ESTADO DE S. PAULO, — SOB N. 2462 —



Rua José Ferraz de Carvalho, esquina da rua A. Teres José Caetano n. 294. Pedido pelo phone 4-2-1

JOSÉ PETRIN

Pés de moleques
Caramellos
Bombons
Chocolates
Pralinés
etc.

Especialidades da casa: Balas cheias de Limão Bravo, Guaco, Mel e Rebuçados.

OPTIMAS PARA TOSSE

BALAS SALTA-SALTA

com premios, como sejam: Bolas, Bonets, Dominós, Bonecas, Lotos, Damas, etc., para os que colleccionarem de 1 a 400 sem numeração (1167)

O enc
Jodo Agustin
resolven ac
gresso da ci
ceramento
por commo
cerado.
Reforma
cercamento
balho de pa
ponas de ex
ção e mais
ral.
Póde ser
lephone 6
Rosario n.
Lentada

Cia. Ca
Vex
freses
res d
lhor,
dices
Pr
suas
L. I.

O “Jornal de Piracicaba”, na década de 1930, estampa esta publicidade da Balas Atlante, que em 2023 completa seus 90 anos de fundação. Um empreendimento que deu certo e atravessa gerações da família Petrin. A história da empresa surge nos anos 1920 quando José Petrin, oriundo da Itália, cria a Fábrica de Balas A Americana, em São Paulo.

Inicia seus negócios em Piracicaba em área próxima a Igreja dos Frades, mudando em seguida sua fábrica próxima ao Mercado Municipal, onde ficou até os anos 1980. Atualmente, a empresa situa-se no Distrito Industrial Uninorte, especializando-se na fabricação de produtos farmacêuticos para terceiros, na forma de pastilhas e balas medicinais.

Com seus mais de 100 anos de atividades, o Mercado Municipal tinha essa apresentação entre as décadas de 1920 e 1930, quando, supõe-se, que esta foto tenha sido feita. Sempre foi um importante centro de compras do piracicabano, seja para abastecer sua casa ou para um simples pastel com caçulinha. Nelas se observam diversas carroças, ou “troles” como diziam nossos antepassados. Apenas um veículo. O Mercado situava-se em uma baia da rua do Comércio, hoje rua Governador Pedro de Toledo. Nada do congestionamento de veículos que conhecemos hoje. Saudade de um tempo que não vivemos, mas ... de nostalgia vive o homem. Foto: acervo pessoal





Na memória da propaganda piracicabana, um exemplo de 1914, publicada no “Guia Piracicaba” de Roberto Capri. Ela serve para mostrar o quanto rico sempre foi nosso comércio. Terenzio Galesi mantinha praticamente uma “loja de departamentos” no início do século passado, vendendo desde biscoitos e arroz, além de atuar como casa de câmbio. Na reprodução, o prédio que ainda hoje está em pé, ocupado por uma agência bancária, na rua Prudente de Moraes entre a rua Alferes José Caetano e a praça José Bonifácio. Pelo menos na época, seria quase impossível não decorar um número de telefone...

Reprodução de peça publicitária do Campeonato Paulista de Automobilismo realizado em 1960. O II Circuito Automobilístico de Piracicaba, ocorreu nos dias 12 e 13 de março, partindo da avenida Carlos Botelho, próximo à Esalq, seguindo até a avenida Brasil, convergindo para a rua Saldanha Marinho (ainda não existia a avenida Saldanha Marinho), virando para a avenida Independência até a caixa d'água em frente a Esalq, tendo sequência na avenida Pádua Dias, encerrando no mesmo local do ponto de partida. Venceram a prova Maks Weiser, Jair Luiz Santiago (segundo lugar) e Walter Hahn (terceiro lugar).



Festa junina de 1965, realizada no Clube Coronel Barbosa. Na foto, dezenas de petizes que, vestidos à caráter, posam para a eternidade em pleno salão deste que já foi o melhor clube social e recreativo da região. O “Coronel” surgiu do Clube Piracicabano, criado com recursos do fazendeiro Coronel José Barbosa Ferraz. Estava situado ao lado do Teatro São José, este inaugurado em 1927, com acomodações para 2 mil pessoas, divididas na plateia central, camarotes, balcões e anfiteatro. Foto: acervo de Ivana Maria de França Negri





Jardim interno do Hotel Central, um dos mais famosos do interior deste país. Estava situado na esquina da rua Moraes Barros com a Praça José Bonifácio, onde hoje está um estacionamento vertical, ao lado da Catedral de Santo Antonio. A foto é de 1915, do livro "Piracicaba e Sua Escola Agrícola". Foi em frente ao Hotel que, em 13 de novembro de 1899, o pintor Almeida Júnior morreu ao ser apunhalado por José de Almeida Sampaio, seu primo, num acesso de fúria ao saber que sua esposa o traía com este.

Mais um registro da publicidade piracicabana. Até o século passado eram comuns os almanaques que a cidade recebia de empresas que exploraram comercialmente a cidade. A loja que vendia “chapéu de cabeça” encontrava-se situada na rua do Comércio, hoje rua Governador Pedro de Toledo. Nota-se também que era uma grande fornecedora de tecidos para confeccionar roupas, garantindo, assim, a vida de alfaiates e costureiras da época.

132?
É O TELEPHONE!

Casemiras, casinetas, brins, etc.



80?
É O NUMERO!

Camisas, chapéus de sol e de cabeça e calçados.

CASA VERMELHA
PIRACICABA - Rua do Commercio - PIRACICABA

Semanalmente:
Recebe grandes remessas de artigos finos, estrangeiros e nacionais para modas e confeções.

Em deposito:
Tem sempre grande stock de fazendas finas e grossas, para to'os os postos e ao alcance de todos os bolsos.

Artigos para homens, senhoras e creanças
Os preços desta casa são indiscutivelmente

Os mais baratos da praça



A foto é um registro dos anos 1960 e mostra um ponto pitoresco da praça José Bonifácio. Tem seu foco no ponto original em que se encontrava o Monumento dos Voluntários da Revolução de 1932. A fonte luminosa não mais existe. Ao fundo, nota-se também a presença de edifícios que não existem mais, como aquele situado onde hoje está uma agência bancária. Foto: Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba.

Foto aérea tirada na primeira metade dos anos de 1960, no bairro Itaperu-Guassu, Piracicaba. Para localizar-se melhor basta notar que na parte superior à direita está o Nauti Clube Bela Vista, situado próximo ao Parque Piracicaba. Não há maiores detalhes sobre quem tirou a foto, sua data ... Nota-se que o Rio Piracicaba transbordou de forma que inundou as áreas que os margeiam. As orlas originais podem ser observadas pelas árvores.





Foto de monumento situado no Engenho Central. O dr. Preto, ou André Ferreira dos Santos, era natural de Macaé, Rio de Janeiro. Nasceu em 1873, sendo pedreiro e músico, ingressando na faculdade de farmácia e depois medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mudou-se para São Pedro em 1913. Em 1918, vem a Piracicaba, atuando no corpo clínico da Santa Casa de 1921 a 1928. Auxiliou na epidemia de tifo que acometera várias cidades do interior. Procurou abrir um hospital e maternidade. No entanto, foi impedido por questões políticas e de preconceito racial. Voltou ao Rio de Janeiro em 1929, falecendo em 23 de junho de 1942. O busto é de autoria de Rosana Alberto. Foto: Edson Rontani Júnior

Mais um fragmento do Manual de Piracicaba editado em 1914 por Roberto Capri. Uma prestação de serviços. Interessante é ver que a cidade, com seus então 22 mil habitantes, e que nasceu à beira do rio Piracicaba concentrava-se urbanamente em poucas localidades como o Centro (ponto de partida dos ônibus), Vila Rezende, Escola Agrícola (ESALQ) e Bairro Alto. Além de ter seu espaço inicial praticamente restrito, os ônibus saíam nos horários de início e fim das aulas e não no horário de trabalho do comércio. E pensar que com 16 partidas, a cidade tinha a demanda de transporte atendida. Cabe destacar que na época, ônibus era a novidade do século XX, uma vez que a cidade também oferecia o transporte pelos bondes.

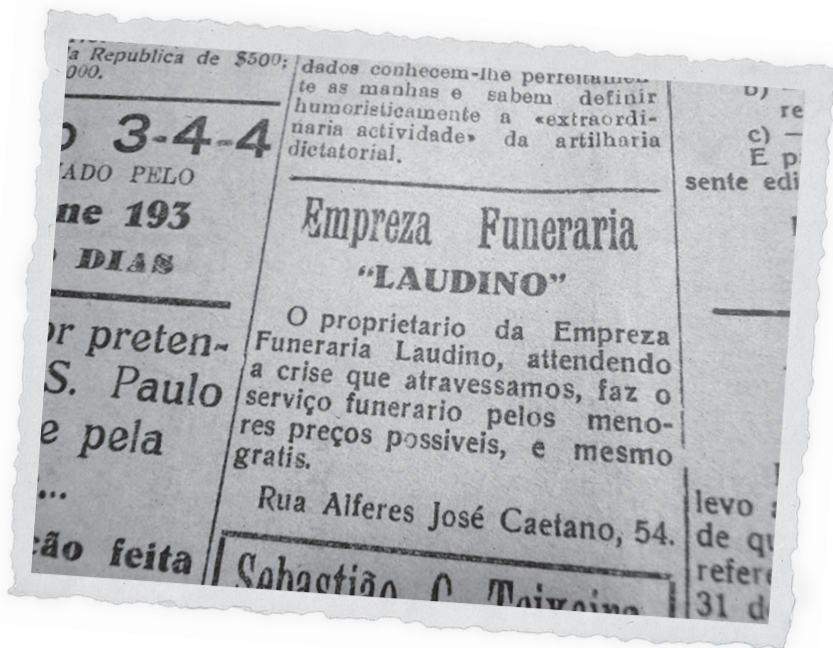
Companhia Piracicabana de Auto-Transportes
 Serviço de Omnibus — Ponto na cidade — Largo da Matriz

— HORARIO —

	Partida da cidade HORAS	Partida da Escola HORAS	
ESCOLA AGRICOLA Nos dias uteis	9.15	7.90	Manhã
	10.20	10.30	»
	10.45	11.00	»
	1.40	11.50	Tarde
	3.20		»
VILLA REZENDE Todos os dias	CIDADE	VILLA REZENDE	Manhã Tarde Noite
	8.30	8.50	
	5.00	5.30	
CEMITERIO Aos sabbados	CIDADE	CEMITERIO	Tarde
	5.00	5.40	

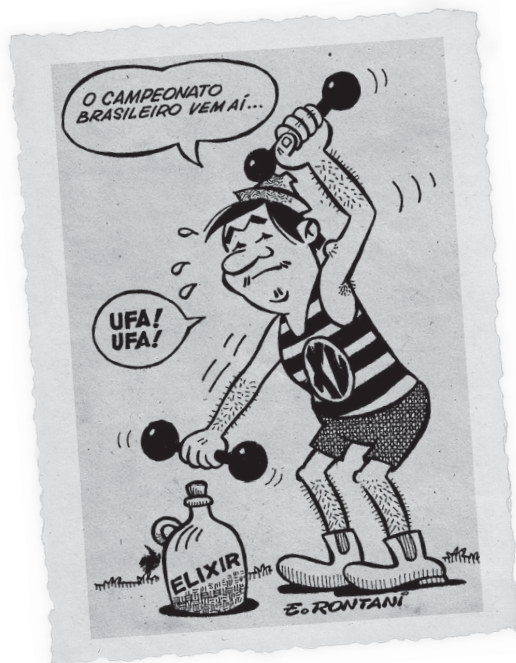
O itinerario dos bondes para a Villa Rezende é o seguinte: Largo do Jardim, ruas Santo Antonio, Prudente de Moraes, Alferes José Caetano, Piracicaba, Rosario, Praça Rezende, Salto e Villa Rezende.
 O omnibus, que parte ás 8.50 da Villa Rezende, segue o mesmo itinerario e está em comunicação com o trem de 9.35, da Sorocabana. Qualquer pessoa poderá tomar o omnibus em qualquer das ruas traçadas, bastando dar signal ao "chauffeur".

A DIRECÇÃO.



A núncios na imprensa piracicabana colocavam a disposição de “refugiados e pobres” quartos para moradia, sem muitos detalhes de como poderia ser feita a ocupação. A confiança e honestidade imperavam. Curioso é ver neste anúncio publicado pelo jornal “O Momento”, em 27 de agosto de 1932, que uma funerária local oferecia condições mais em conta para funerais e, se preciso, de forma gratuita. Mais interessante é ver que a empresa utilizava espaço publicitário para anunciar o serviço gratuito.

Capítulo
ARTES



Existem controvérsias com relação à data oficial de sua formação, mas o dia da Proclamação da República entrou para a história dos torcedores do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba. União de dois times, o Vergueirense e o 12 de Outubro, o alvinegro foi personalizado na imprensa local de 1952 a 1997 através de sua mascote. Nesta reprodução, feita na primeira metade da década de 1990, o “Nhô Quim”, na pena de Edson Rontani, em charge originalmente publicada em “O Diário de Piracicaba”, tenta fortalecer seu esquelético corpo para iniciar o Campeonato Brasileiro. Reprodução de acervo pessoal do autor.

Registro raro de um centro cultural que não existe mais. Capa de um programa cujo original, impresso em papel jornal, media 16 por 11 centímetros. Apresentava o primeiro concerto popular da Orchestra Piracicabana, sob regência de Benedicto Dutra Teixeira, que ocorreria numa sexta-feira, às 21 horas, de 27 de maio de 1938. No verso, um comercial da representação Antonio Monteiro & Filhos que vendiam bebidas Dubar e Antactica/Hamburguesa. No interior, o programa da noite que traria Bizet, Bach, Rossini, Rachmaninoff, Verdi e Carlos Gomes. Reprodução de acervo pessoal do autor.

D
U
B
A
R



**UM BOM COCKTAIL
SÓ COM
DUBAR**

Pedidos aos representantes da ANTARCTICA em PIRACICABA:
ANTONIO MONTEIRO & FILHOS
Rua Gov. Pedro de Toledo, 94 — PHONE, 5-8-3

Antarctica e Hamburgueza

THEATRO STO. ESTEVAM

1.º CONCERTO POPULAR

— DA —

ORCHESTRA PIRACICABANA

Regente: D. OLIVEIRA



SEXTA-FEIRA
27 DE MAIO DE 1939
AS 21 HORAS

PICHES IMPRESS. PIRACICABA

I

- 1 — Bizet — «Os pescadotes de perolas» — phantasia
- 2 — Cálman — «Pizzicati»
- 3 — E. Bach — «Risveglio di primavera»
- 4 — Thomas — «Raymond» — symphonia

II

- 5 — Rossini — La Gazza ladra
- 6 — Rachmininoff — «Preludio»
- 7 — Verdi — «Traviata» — preludio
- 8 — C. Gomes — «Salvador Rosa» - symphonia

« A musica é a revelação mais sublime de toda a sabedoria, de toda a philosophia; o eterno, o infinito me são mais accessíveis em minha arte do que em outra qualquer; a musica é o presentimento das cousas celestias. »

BETHOVEN

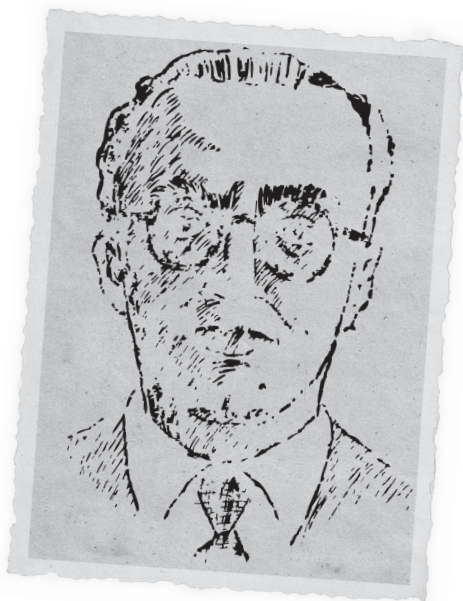
« O homem somnado á Natureza, esse é o artista. Communhão da alma do artista com a alma do Universo, isso é a arte. »

J. BENAVENTE



O retratista: Angelino Stella. O retratado: Francisco Salgot Castillon. Peça publicitária utilizada na segunda metade dos anos 1950 quando Salgot era candidato a prefeito de Piracicaba. Stella e Salgot: dois ícones piracicabanos, o primeiro na arte e cultura e o segundo na política. Stella frequentou a Escola de Belas Artes de Piracicaba e foi diretor, até os anos 1970, da Casa de Artes de Piracicaba (Pinacoteca). Salgot foi chefe do executivo piracicabano em 1959 e 1968, além de vereador e deputado estadual - em ambos os cargos também por duas legislaturas. Em sua gestão foi construída e pavimentada a avenida Beira Rio, que margeia nosso Rio Piracicaba, por isso, o Museu da Água, situado nesta via, leva seu nome. Reprodução de acervo pessoal do autor.

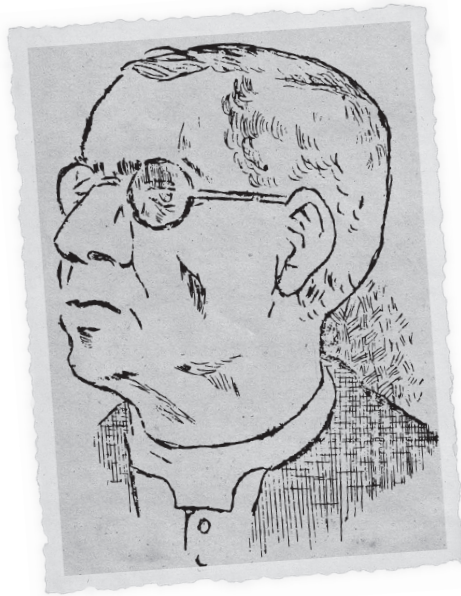
Sud Mennucci. Educador íntegro. Sua vida serve-nos de exemplo. Sua existência foi dedicada à infância e ao professorado paulista. Figura modesta retratado aqui na pena de Edson Rontani (nos anos 1960), atuou como sociólogo e pedagogo. Foi homenageado com uma escola em Piracicaba e outra em Porto Ferreira. É nome de um município paulista. Nasceu na “Noiva da Colina” em 20 de janeiro de 1892. Ainda em vida foi homenageado com a escola em Piracicaba. Foi Delegado de Ensino de Campinas e depois em Piracicaba (1930). Júlio de Mesquita Filho convidou-o para trabalhar em “O Estado de S. Paulo”. Em 1931 assumiu o cargo equivalente hoje ao de Secretário Estadual de Educação. Reprodução de acervo pessoal do autor.





Bento Dias Gonzaga. O famoso Bentão. O político aparece caricaturado por Renato Wagner, exposto no 3º. Salão de Caricaturas de Piracicaba, de 1976, com indelével marca do nanquim, típico nas artes até então. Cecílio Elias Netto lembra: “Bento Dias Gonzaga - filho do ex-prefeito e líder político Luiz Dias Gonzaga - foi um dos mais sagazes políticos de Piracicaba, ainda que tenha sido relativamente curta a sua carreira. Deputado estadual por diversas vezes, Bento Gonzaga, o Bentão, era pessoa afável, estimada, de simpatia contagiante”. Reprodução de acervo pessoal do autor.

Monsenhor Manoel Francisco Rosa, virtuoso sacerdote que, durante 40 anos, foi incansável vigário da Paróquia de Santo Antonio, nasceu em 26 de abril de 1874 na cidade de São Roque. Seus pais o encaminharam ao Seminário Episcopal de São Paulo. Em 1901 foi para São Paulo auxiliando nas missas da Paróquia Santa Cecília. Logo em seguida foi nomeado para a Igreja Nossa Senhora de Belém, em Descalvado, onde ficou por oito anos. Foi para Campinas em 1910, famoso pelas obras realizadas junto à Igreja Católica, agraciado com os títulos de cônego, monsenhor e protonotário apostólico. Seus restos mortais encontram-se na cripta da Catedral de Santo Antonio, recolhidos após seu falecimento em 7 de junho de 1965. A ilustração foi feita nos anos 1960 por Edson Rontani. Reprodução de acervo pessoal do autor.

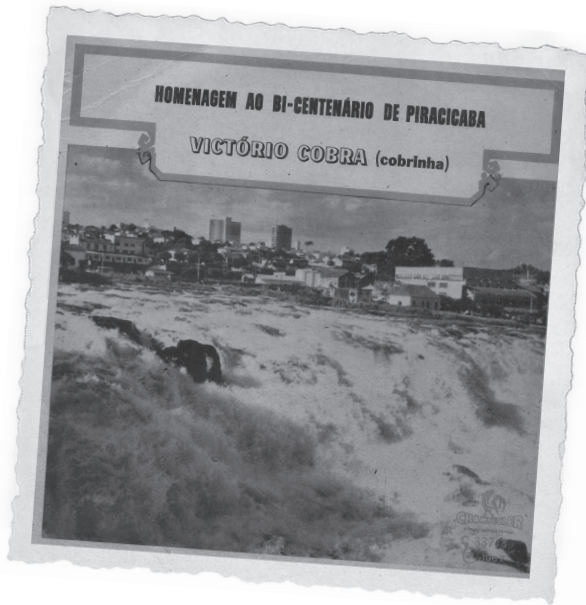




Durante todo o ano de 1967 foram realizadas atividades comemorativas ao bicentenário de Piracicaba. Um dos eventos foi o 1º Festival da Música Popular de Piracicaba que rendeu este LP. Lançado pela Gravações Elétricas, com produção de Walter Bianchi, ele trazia 12 canções do evento realizado em 15 de agosto daquele ano. O Festival foi criado através de decreto estadual, nº 48.365, assinado pelo governador Roberto Costa de Abreu Sodré. A comissão do evento era formada por Walter Dalprat Felippetti, Jorge Chaddad, Ayrton Crisóstomo Nascimento e Anuar Kraide. Entre os expoentes musicais: Zilah Chaddad, Gesseny Martins, Coral Santa Cecília, Coral São Luiz e Antonio Carlos Coimbra. Como faixa bônus, o hino “Piracicaba” com a Orquestra Piracicabana de Amadores Benedito Dutra. Foto: Reprodução do disco.

Foto que o marketing nunca utilizou e nem precisou, pois a Caninha Tatuzinho já possuía um nome forte em todo o Brasil quando foi tirada, nos anos 1960. No chão de um bar, um pequeno tatu se aproxima de um copo colocado ao lado de uma garrafa da caninha Tatuzinho. Reprodução de acervo pessoal do autor.





Capa de um compacto duplo (como eram chamados os LPs de sete polegadas) lançado pela Chantecler em 1967, ano em que Piracicaba completou 200 anos de fundação. Victorio Ângelo Cobra, o “Cobrinha”, emprestava sua voz nas músicas “Madrugada Piracicabana” (do Frei Marcelino Maria de Angatuba), “Piracicaba” (de Newton de Mello), “Murmurar da cachoeira” (de Luizinho) e “Nostalgia” (de Erothides de Campos). São 11 minutos e 46 segundos de muita recordação e emoção diante da “Noiva da Colina”. Na contracapa, João Chiarini faz um jogo de palavras com os nomes de Sud Menucci, Thales Castanho de Andrade, Anísio Godinho e outros. Foto: reprodução do disco.

José Pinto de Almeida é uma importante rua da área central de Piracicaba. Esse ilustre português nascido em São Miguel de Rebordosa, veio ao Brasil com 15 anos de idade, se estabelecendo inicialmente no Rio de Janeiro. Um conterrâneo o convidou para trabalhar em Piracicaba, chegando por aqui em 25 de maio de 1827. Atuou como caixeiro e adquiriu uma loja de tecidos na rua Direita, hoje Moraes Barros. Fundou a Santa Casa e a Casa das Irmandades do Santíssimo Sacramento, instituições de beneficência às quais se dedicava integralmente. Incentivou a construção do Hospital da Misericórdia para onde destinou parte de seu testamento. Quando se aposentou, perdoou todas as dívidas até então não pagas lançando em seu livro-caixa, abaixo do nome de seu devedor, a seguinte inscrição: “SALDADA. Receberce-á a importância acima se o devedor procurar pagar”. A ilustração é de Edson Rontani (anos 1960). Reprodução de acervo pessoal do autor.

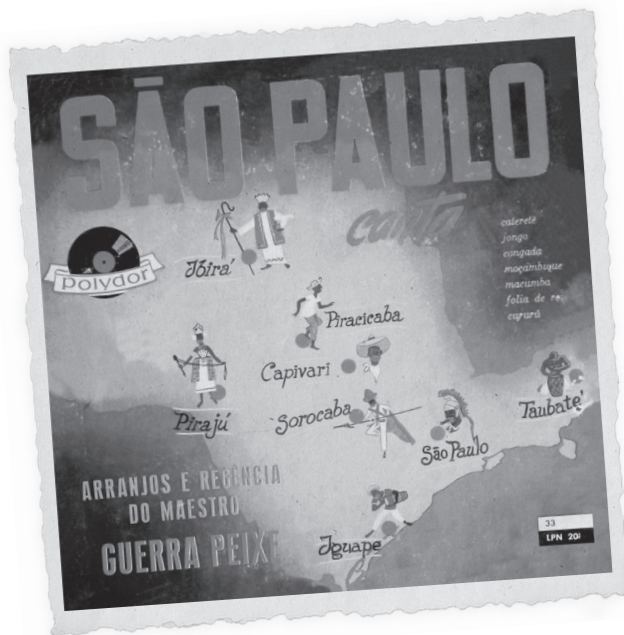




João Chiarini faleceu em 18 de setembro de 1988, durante candidatura à Câmara de Vereadores de Piracicaba. Nesta campanha, ele publicou a arte assinada por Douglas Mayer num dos jornais locais. Foi um dos maiores estudiosos do país sobre o folclore. Fundou, em março de 1972, a Academia Piracicabana de Letras. Foto: reprodução de "O Diário".

Foto estampada na capa do LP “Grande Oficial”, mostrando a Corporação Musical Operária de Piracicaba no que aparenta ser a escadaria da Igreja Bom Jesus do Monte. O LP foi lançado pela Recital Discos Editora e não estampa sua data de lançamento, provavelmente meados dos anos 1960. Nele, oito músicas sob a regência do Maestro Oswaldo Pettermann, com músicas do próprio Pettermann, Erotides de Campos e B. Almeida Júnior. O título do disco era em homenagem ao Grande Oficial Mário Dedini. “Dirigida com dedicação inexcelável pelo maestro Oswaldo Pettermann, que sucedeu, por sua vez, a seu pai, o maestro João Pettermann, na regência da Banda, essa Corporação Musical é das mais afamadas do interior do Brasil, enfrentando tanto as partituras populares como as de música erudita, com igual maestria”, escreveu Losso Netto na contracapa.





Capa do LP São Paulo Canta, lançado no ano de 1957 pela Polydor, dando destaque especial para a cidade de Piracicaba, como umas das principais do interior onde repercutia o tradicionalismo da dança e da música, como o cateretê, jongo, moçambique, congada, macumba, folia de rei e o cururú. Não é descrito no mesmo por qual modalidade Piracicaba era representada.

O disco tinha músicas orquestradas pelo maestro Guerra Peixe. Todas são cantadas. Os temas escolhidos foram captados por Rossinio Tavares de Lia, Manoel Antônio Franceschini, Maria Abujara e Maria de Lourdes Gimenez.

CAPÍTULO FINAL

O jornalismo e a sociedade piracicabana mudaram nos últimos 50 anos. Isso é inegável. As tendências passaram por evoluções e revoluções. O Brasil vivia um período de incertezas, onde o governo militar impunha a censura aos veículos de comunicação. Era o período do “milagre econômico” em que o país assistia à transição dos governos Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, generais que comandavam o cenário nacional. O jornalismo local ainda era restrito a poucas publicações, motivados pelo alto custo em sua produção. A cidade possuía o Jornal de Piracicaba e o Diário de Piracicaba. Tinha também a Rádio Difusora, Rádio A Voz Agrícola de Piracicaba e Rádio Educadora, todas emisoras em A.M.

Foi então que surgiu a edição número 1, da Tribuna Piracicabana, distribuída em 1º. de agosto de 1974, ao custo de 50 centavos do cruzeiro. Um jornal impresso em formato próximo ao modelo standard, com oito páginas, preto e branco, nos quais torna-se visível a presença de manchas de clichês e a ação profunda das prensas. O jornal seria publicado diariamente, com exceção de segunda-feira.

À frente do matutino, estava o jornalista Evaldo Augusto Vicente que no cotidiano destes quase 50 anos apenas na Tri-

buna vem registrando a história de nossa “Noiva da Colina” com amor, dedicação, investimento pessoal e muito trabalho.

Lembro-me de ter visitado a redação da Tribuna quando possuía apenas sete anos de idade, acompanhado de meu pai, Edson Rontani, levando ao Evaldo um clichê com uma das várias charges de sua autoria publicadas neste jornal. A Tribuna situava-se em prédio que ainda hoje existe, embora remodelado, na rua Voluntários de Piracicaba nº 610, esquina com a Alferes José Caetano. Evaldo abriu a edição número 1 mostrando ao meu pai a nota sobre o falecimento de seu sogro - e meu avô - o “tremendão” Humberto D’Abronzio. Na capa da primeira edição, uma charge que mostrava a realidade de Piracicaba: um sujeito carrega um travesseiro e uma marmitta, tendo ao fundo a Catedral de Santo Antonio, dizendo que preparava-se para pegar fila no INPS, situado a poucos metros da Igreja Matriz.

A Tribuna Piracicabana pertencia à Empresa O Liberal. Evaldo Augusto Vicente à frente a direção, João Chiarini e Geraldo Nunes na redação e Mário Michelin na contabilidade.

A primeira edição trazia em sua capa notícia sobre a comemoração dos 207 anos de Piracicaba cujos eventos seriam coordenados pela Câmara de Vereadores através do vereador Rubens Leite do Canto Braga, “presidente desse sodalício público administrativo de Piracicaba”.

O tempo mudou. Em 1974, o 1º de agosto não era feriado, mas sim ponto facultativo, instituído como “Dia de Piracicaba” pela lei nº 301 de 17 de julho de 1952, sacramentado por ato baixado pelo prefeito de então, Adilson Benedito Maluf, seguindo a Lei Orgânica do Município. Naquele dia, as repar-

tições públicas municipais não funcionaram. O feriado municipal foi transferido para 8 de dezembro, dia de Imaculada Conceição, conforme lei 1.470 de 1967.

A primeira edição da Tribuna Piracicabana trazia diversas notas sobre a cultura. Naquele 1º de agosto, a Casa de Artes Plásticas (Pinacoteca Municipal), abriria o XXII Salão de Belas Artes tendo entre os expositores, o artista Egydio Adamoli. Poesias e crônicas de Evaldo Vicente, Thales Castanho de Andrade, Francisco de Vasconcellos, J. Aparecido Casemiro, Geraldo Bragion e Carlos Moraes Júnior.

Entre as despedidas, matérias sobre a morte do comendador Humberto D’Abronzo (ex-presidente do XV de Novembro e diretor da Indústria Tatuzinho) e despedida a Lélío Ferrari (presidente da Rede Brasileira de Supermercados e fundador do café Ouro do Brasil e Café Haiti e presidente da ACIPI entre 1963 e 1965). Naquela ocasião ACIPI e CDL preparavam eleições para novas diretorias, sendo as chapas concorrentes presididas, respectivamente, por José Macluf (Artigos de Cimento Woltzmac) e Raul Siad (Casas Pernambucanas).



— Olá, Jorge, onde vai com marmitta e
travesseiro a esta hora da manhã?
— Vou "pegar" a fila do INPS...
(Charge de Edson Rontani)

Visitas à "Tribuna"

Recebemos — e agradecemos — a visita dos nossos amigos professor Antonio Henrique de Carvalho Cocenza; poeta e escritor Helly de Campos Melges; locutor Pirillo Jr., da rádio Educadora de Piracicaba; sr. Antonio João Cozzo, Coordenador de Obras e Serviços Rurais; Márcio Leme Chaves, conhecido publicitário e desenhista de nossa cidade; jornalista Euclésio Boscariol, redator-responsável do "Diário Oficial do Município de Piracicaba"; sr. Moisés Augusto, do Laticínio Madresilva, de Paranaíba, Estado do Mato Grosso. Aos visitantes, os nossos agradecimentos.

A RUA FICOU DESCALÇA. A CASA VAZIA. E A CIDADE?

EVALDO A. VICENTE

A rua teria, ainda, aquele resto de tristeza que deixei? Que tristeza? Aquela tristeza de criança, uma tristeza que se tornou em dor e, sumindo à dor, a criança se esqueceu de tudo, passando novamente para o nada... A casa ficou vazia. Deixei tudo aquilo e num dia qualquer, desapareci. Deixei a rua. Deixei a casa. Deixei tudo. E, agora, simplesmente penso na casa e na rua. Apenas nisso. A rua tornou-se descalça, de pois que eu sai de lá e a casa, para mim, não é mais do que um espaço vazio. Um pouco, a rua e a casa em que eu mora não tinham aquela vivacidade de todas as casas e de todas ruas. Longe do movimento, perto do ribeiro, amigos dos bichinhos da noite, amantes do silêncio, à minha casa e a tristeza não tornaram-se, depois de um tempo, sossegadas e tristonhas. Não sei porque. Um dia, fui lá para vê-las. Elas estavam lá. Mas as lágrimas sobre os meus olhos, a tristeza no coração e a dor de uma criança fizeram com que eu não as visse, que os meus olhos se escondessem por trás das lágrimas e fizessem, também, com que eu não quisesse lembrar de mais nada. Apenas nas. E a cidade? Não sei. E choro...



Esta edição foi diagramada por Victor Benatti em formato fechado 150x200mm e com mancha de 110x150mm. Os textos foram compostos com Book Antiqua 11,4/14,8 e os títulos com Justus 34/36.

Janeiro de 2022



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba



**PREFEITURA MUNICIPAL
DE PIRACICABA/SP**



ISBN 978-65-997085-0-3



9 786599 708503